



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA
LATINA (PPGICAL)**

**A TRANSIÇÃO DO RÁDIO À INTERNET NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO
PEDRO DO URUÁ EM MANICORÉ - AMAZONAS**

JACKELINE BRAZÃO CAMPOS

Foz do Iguaçu/PR
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA
AMÉRICA LATINA (PPGICAL)**

**A TRANSIÇÃO DO RÁDIO À INTERNET NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO
PEDRO DO URUÁ EM MANICORÉ – AMAZONAS**

JACKELINE BRAZÃO CAMPOS

Dissertação apresentada à Linha de Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Silvia Andreu da Fonseca

Foz do Iguaçu/PR
2025

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

C198t

Campos, Jackeline Brazao.

A transição do rádio à internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá em Manicoré - Amazonas / Jackeline Brazao Campos. - Foz do Iguaçu, 2025.

76 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Integração Contemporânea da América Latina.

Orientador: Prof. Dra. Ana Silvia Andreu da Fonseca.

1. Rádio. 2. Assentamentos ribeirinhos - Amazônia. I. Fonseca, Ana Silvia Andreu da. II. Título.

CDU 654.195(292.88)

JACKELINE BRAZÃO CAMPOS

A TRANSIÇÃO DO RÁDIO À INTERNET NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO PEDRO DO URUÁ EM MANICORÉ - AMAZONAS

Dissertação apresentada à Linha de Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Ana Silvia Andreu da Fonseca
UNILA

Prof. Dra. Vanessa da Costa Sena
IFAM

Prof. Dra. Maíra Machado Bichir
UNILA

Prof. Dr. Aníbal Orué Pozzo
UNILA

Foz do Iguaçu, 28 de março de 2025.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Ana Silvia, expresso minha mais profunda gratidão pela dedicação, paciência e orientação ao longo desta jornada. Seu comprometimento e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa (que mulher fantástica, inteligente e inspiradora). Agradeço também aos professores que ministraram as disciplinas do mestrado, contribuindo significativamente para minha formação acadêmica, em especial ao Professor Félix Pablo, cuja abordagem crítica e instigante ampliou minha visão sobre muitos assuntos tanto acadêmico quanto pautas relevantes para levar para vida.

Agradeço imensamente aos moradores da comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá, que me acolheram com generosidade e compartilharam suas experiências, tornando possível a construção deste estudo. Meu reconhecimento especial a todas as famílias que abriram as portas de suas casas, fui muito bem acolhida e respeitada, eu vi de perto o quanto eles faziam de tudo para me ajudar, mesmo eu sendo uma desconhecida. E, claro, não posso deixar de citar minha professora de Biologia, Devania Silva, que me apresentou a essa comunidade e que, de alguma forma, eu sabia que um dia falaria sobre ela, nem que fosse por meio de uma dissertação.

Minha sincera gratidão aos membros da banca por aceitarem participar: Professora Vanessa Sena (minha eterna professora de graduação, a melhor das melhores), Professora Maira (cujas contribuições durante as aulas trouxeram muitas ideias que, de certa forma, ajudaram na pesquisa) e Professor Aníbal (meu professor na especialização, sempre atencioso e altruísta). Suas considerações foram essenciais para aprimorar minha formação acadêmica.

Ao querido João Felipe Casco e Lauren Luise, pelo apoio e por estarem ao meu lado nesse percurso, meus apoios emocionais. Um agradecimento especial também à minha mãe, cuja força e carinho foram fundamentais para que eu chegasse até aqui, mesmo sem entender o que de fato estava pesquisando.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL) e à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) pela oportunidade de realizar este mestrado e desenvolver uma pesquisa que tanto me inspira. Sem esse espaço acadêmico, este trabalho não seria possível.

Obrigada a todos e todas!

RESUMO

Esta dissertação analisa os impactos sociais da transição do rádio para a internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá, em Manicoré, Amazonas. A pesquisa, ancorada em uma abordagem qualitativa, utiliza o estudo de caso para compreender como essa mudança tecnológica afeta as dinâmicas comunicacionais locais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete famílias, observação participante, registros fotográficos, análise documental e conversas informais. A análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (2011), permitiu interpretar as percepções dos moradores sobre a chegada da internet e sua interação com o rádio, até então o principal meio de comunicação da comunidade. Além de mapear a ecologia comunicativa da comunidade, a pesquisa analisa como a internet ampliou o acesso à informação, redefiniu práticas sociais e fortaleceu vínculos externos, ao mesmo tempo em que expôs novas formas de exclusão digital e desafios tecnológicos. Também é explorada a relação entre comunicação e mudanças climáticas, considerando o papel da mídia na divulgação de eventos extremos, como a estiagem de 2023. O estudo contribui para o campo da comunicação ao evidenciar como os povos ribeirinhos constroem suas identidades culturais e sociais em meio à modernização tecnológica, destacando a importância de políticas públicas voltadas à inclusão digital. Por fim, a dissertação reforça que, mesmo com a internet, o rádio permanece como símbolo de pertencimento e resistência cultural, refletindo a complexa interação entre tradição e inovação nas comunidades ribeirinhas da América Latina.

Palavras-chave: Rádio; Internet; Comunidade ribeirinha; Amazônia

ABSTRACT

This dissertation investigates the social impacts of the transition from radio to the internet in the riverside community of São Pedro do Uruá, in Manicoré, Amazonas. Anchored in a qualitative approach, the research uses a case study to understand how this technological shift affects local communication dynamics. I conducted semi-structured interviews with seven families, participant observation, photographic records, document analysis, and informal conversations. Content analysis, based on Bardin (2011), allowed me to interpret residents' perceptions of the arrival of the internet and its interaction with radio — previously the community's main communication medium. The dissertation examines the region's communication infrastructure, shaped by the historical influence of AM radio and the recent introduction of satellite internet, as well as the resulting social transformations. In addition to mapping the community's communicative ecology, the research analyzes how the internet has expanded access to information, redefined social practices, and strengthened external connections, while also exposing new forms of digital exclusion and technological challenges. It also explores the relationship between communication and climate change, considering the role of the media in disseminating information about extreme events, such as the 2023 drought. This study contributes to the field of community communication by highlighting how riverside populations build their cultural and social identities amid technological modernization, emphasizing the need for public policies focused on digital inclusion. Finally, the dissertation reinforces that, even with the internet, radio remains a symbol of belonging and cultural resistance, reflecting the complex interaction between tradition and innovation in Amazonian communities.

Key words: Radio; Internet; Riverside community; Amazon

RESUMEN

Esta disertación investiga los impactos sociales de la transición del radio a Internet en la comunidad ribereña de São Pedro do Uruá, en Manicoré, Amazonas. Anclada en un enfoque cualitativo, la investigación utiliza un estudio de caso para comprender cómo este cambio tecnológico afecta las dinámicas de comunicación local. Realicé entrevistas semiestructuradas con siete familias, observación participante, registros fotográficos, análisis documental y conversaciones informales. El análisis de contenido, basado en Bardin (2011), me permitió interpretar las percepciones de los habitantes sobre la llegada de Internet y su interacción con la radio —anteriormente el principal medio de comunicación de la comunidad. La disertación examina la infraestructura de comunicación de la región, moldeada por la influencia histórica de la radio AM y la introducción reciente de Internet satelital, así como las transformaciones sociales resultantes. Además de mapear la ecología comunicativa de la comunidad, la investigación analiza cómo Internet ha ampliado el acceso a la información, redefinido prácticas sociales y fortalecido las conexiones externas, al tiempo que ha expuesto nuevas formas de exclusión digital y desafíos tecnológicos. También explora la relación entre la comunicación y el cambio climático, considerando el papel de los medios en la difusión de información sobre eventos extremos, como la sequía de 2023. Este estudio contribuye al campo de la comunicación comunitaria al destacar cómo las poblaciones ribereñas construyen sus identidades culturales y sociales en medio de la modernización tecnológica, enfatizando la necesidad de políticas públicas centradas en la inclusión digital. Finalmente, la disertación refuerza que, incluso con Internet, la radio sigue siendo un símbolo de pertenencia y resistencia cultural, reflejando la compleja interacción entre tradición e innovación en las comunidades amazónicas.

Palabras clave: Radio; Internet; Comunidad ribereña; Amazonía

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de localização da comunidade de São Pedro do Uruá.....	25
Imagem 2 – Peixes mortos durante a grande seca de 2023	38
Imagem 3 – Reportagem feita pela CNN Brasil sobre a seca no Amazonas	40

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Casa palafita à beira do rio.....	20
Fotografia 2 – Cupuaçu: fruta amazônica.....	21
Fotografia 3 – Lancha que sai de Manaus a Manicoré.....	26
Fotografia 4 – Barco com passageiros e mercadorias	26
Fotografia 5 – Marina Batista	27
Fotografia 6 – A única igreja da comunidade.....	28
Fotografia 7 – Centro social e a escola municipal	29
Fotografia 8 – Casa às margens do Rio Madeira	30
Fotografia 9 – Coletas de lixos e avisos	32
Fotografia 10 – Estrutura construída para proteger o gerador de energia.....	34
Fotografia 11 – Times de futebol feminino e masculino da comunidade	36
Fotografia 12 – Margens do Rio Madeira durante a grande estiagem em 2023.....	38
Fotografia 13 – Margens do Rio Madeira: em frente à casa da Marina Batista.....	39
Fotografia 14 – Entrevista com Valdira Batista	46
Fotografia 15 – A primeira antena para receber internet	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ARPANET	Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados
FAS	Fundação Amazônia Sustentável
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
USP	Universidade de São Paulo
IB	Instituto de Biociências

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO PEDRO DO URUÁ	16
1.1 UM RETRATO DOS POVOS RIBEIRINHOS NA AMAZÔNIA.....	16
1.2 RAIZES HISTÓRICAS E CULTURAIS DA COMUNIDADE DE SÃO PEDRO DO URUÁ	24
2 RÁDIO E COMUNIDADES RIBEIRINHAS: ENTRE TRADIÇÕES E MUDANÇAS.....	41
2.1 RÁDIO AMADOR E AM: QUEBRANDO BARREIRAS E REDUZINDO O ISOLAMENTO.....	41
2.2 POR UMA ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	46
2.3 METODOLOGIA DA PESQUISA E COLETA DE DADOS	48
3 IMPACTOS SOCIAIS DA CHEGADA DA INTERNET EM SÃO PEDRO DO URUÁ.....	51
3.1 A EXPANSÃO DA INTERNET NO MUNDO.....	51
3.2 TECNOLOGIA E CIDADANIA	54
3.3 A ERA DIGITAL: OS EFEITOS DA INTERNET EM SÃO PEDRO DO URUÁ	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES.....	71
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE.....	72
APÊNDICE B – PERGUNTAS ELABORADAS PARA AS ENTREVISTAS	73
APÊNDICE C – FONTES ORAIS	74

INTRODUÇÃO

A comunicação exerce um papel crucial nas comunidades tradicionais de toda a Amazônia, sobretudo em sua maior parcela, na área brasileira. Devido ao acesso restrito nessas regiões, onde frequentemente os rios são a única via de passagem, essas populações enfrentam uma situação de carência. A ausência de políticas públicas, como o acesso à educação, saúde de qualidade e outras instâncias sociais, resulta na privação de direitos básicos e limita a inclusão desses cidadãos.

Conforme apontado por Chaves (2001), as políticas sociais e ambientais implementadas na Amazônia têm sido influenciadas por interesses e estratégias de expansão das relações capitalistas, de acordo com as correlações de poder presentes nas diversas esferas. Essas influências têm impacto direto no modo de vida das comunidades ribeirinhas da região.

Embora essa situação ainda persista, os meios de comunicação, como rádio, TV e a internet, são reconhecidos como aliados essenciais, ocupando uma posição estratégica na sociedade ao permitir o compartilhamento de informações e conhecimentos fundamentais, especialmente em regiões onde esses são os únicos recursos disponíveis.

Esta pesquisa propõe analisar a transição do rádio para a internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá, localizada no município de Manicoré, Estado do Amazonas, Brasil. Procura-se aqui responder à seguinte pergunta: quais os possíveis impactos sociais da transição do rádio à internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá? Um questionamento de grande relevância social, pois incorpora fundamentos de estudos e conclusões sobre os desafios enfrentados pelos povos tradicionais, que muitas vezes são marginalizados e excluídos do debate público.

Meu olhar é de alguém que nasceu em Manaus, capital do Amazonas, mas que nunca havia viajado para municípios e comunidades tão afastados. Em 2013, por meio de uma excursão da matéria de Biologia da escola onde estudei, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), tive meu primeiro contato com a comunidade de São Pedro do Uruá. Fiquei encantada com as peculiaridades da região, um lugar que me intrigou pelo modo de vida tão diferente do que eu estava acostumada.

Durante a visita, além de observar a rica cultura local, percebi a carência de políticas públicas e o quanto os moradores eram apegados ao rádio, carregando o aparelho para onde quer que fossem, como se esperassem ouvir algo positivo. Naquele ano, a internet não funcionava na região, o que me surpreendeu: 'como alguém consegue viver sem

internet?', pensei, achando extraordinário para alguém que cresceu na era das telecomunicações.

Anos se passaram, mas aquela visita permaneceu viva em minha memória. Eu queria, de alguma forma, compartilhar essa experiência, porque mesmo nos dias atuais, com tantas tecnologias disponíveis para disseminar informações, muitas pessoas não têm ideia das curiosidades que o Estado do Amazonas abriga, algo que nunca encontrei em outro lugar do Brasil. Embora existam diversas comunidades ribeirinhas pelo país, nenhuma das que conheci se compara às do Amazonas.

Até o dia em que me mudei para o Estado do Paraná, conversei com muitas pessoas e descobri que poucas sabiam o que significava o termo 'ribeirinho'. Esse foi o momento em que decidi me inscrever em uma seletiva de mestrado. A professora Ana Silvia, a Unila e o Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina me aprovaram para a linha de pesquisa em Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais. Assim, decidi estudar o que me apaixona: pessoas, tecnologia e comunicação.

Em 2023, retornei à comunidade de São Pedro do Uruá para o trabalho de campo. Dessa vez, pude observar a comunidade com um olhar mais maduro, passando nove dias lá. Foram dias interessantes e desafiadores, pois viajei durante a pior estiagem que o Amazonas já havia enfrentado, além das queimadas que sufocavam a região com fumaças generalizadas.

Coletei informações além do que inicialmente planejava para a pesquisa, agora com a tão esperada internet presente na comunidade. Esse trabalho envolveu buscar uma nova maneira de entender e analisar a transição do rádio para a internet como meio de comunicação para as comunidades ribeirinhas. Aquelas que vivem a grandes distâncias e ao redor de meios naturais das florestas e dos rios (Monteiro, 2011).

É importante destacar que a inclusão digital pode se tornar um valioso instrumento de redução das desigualdades sociais e regionais. Conforme Neri (2003), a inclusão digital representa um canal privilegiado para a equalização de oportunidades em nossa sociedade desigual na era do conhecimento. Ela é cada vez mais parceira da inclusão social.

Em síntese, acredito que esta pesquisa é importante porque fornece uma justificativa científica para entender a questão comunicacional em uma comunidade ribeirinha, oferecendo informações sobre como a comunicação se desenvolve e se transforma nesse contexto. Baseando-se nisso, o objetivo deste estudo é verificar os impactos sociais da transição do rádio (amador e AM) para a internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá. Além de observar as principais características do território e do povo que ali vive,

também analisei elementos históricos, especialmente o modo de vida, os costumes e os hábitos dos moradores.

Ao mesmo tempo em que segue a linha de pesquisa Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais do Programa, ao estudar este tema minha real intenção é que esta pesquisa e sua experiência possam inspirar outras iniciativas similares. Além de possibilitar que as pessoas compreendam como essa transição trouxe tanto desafios quanto oportunidades para São Pedro do Uruá, influenciando significativamente suas práticas comunicacionais e o acesso à informação.

Como alguém da área de comunicação social, acredito que a inserção de veículos de comunicação e tecnologias é fundamental para estimular a comunicação em regiões isoladas e ameaçadas ambientalmente. Conforme me relataram os próprios moradores, o rádio, a televisão e a internet funcionam como canais essenciais para a expressão, troca de informações e conhecimentos tanto entre eles quanto com pessoas de fora. Por meio do acesso à comunicação, as pessoas podem se conscientizar sobre seus direitos e deveres como cidadãos, promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento e à melhoria da qualidade de vida. É um direito, é constitucional.

Assim, para alcançar os objetivos, a metodologia de pesquisa inclui um estudo de caso que abrange o trabalho de campo realizado durante o período de estiagem no Amazonas. Além da pesquisa qualitativa aplicada, com a missão de produzir novas informações mais aprofundadas para complementar o objetivo que eu estava em busca, a análise de conteúdo e coleta de dados sobre: conceitos de comunicação comunitária, ecologia da comunicação, entrevistas semiestruturadas, observações participantes, conversas informais, análises de documentos, registros fotográficos e de vídeos, diário de campo e referências bibliográficas.

As entrevistas foram realizadas em setembro de 2023, durante os nove dias que passei na comunidade. Foram selecionadas sete famílias, incluindo duas casas em áreas mais distantes, para garantir diversidade nas informações. Em cada família, foram entrevistadas pessoas acima de 16 anos, pois, segundo os moradores, essa é a idade em que os ribeirinhos começam a se envolver nos assuntos da comunidade e a desenvolver uma consciência da realidade local.

Para garantir que o público-alvo da entrevista fosse adequadamente identificado, optei por utilizar a observação participante para menores de 16 anos. Isso se deve ao fato de que o formulário de entrevista exigia um nível de maturidade e habilidades interpretativas que as crianças ainda não haviam desenvolvido plenamente. Além disso, por serem menores, preferi não as expor diretamente à entrevista.

A pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta, em tópicos, uma visão geral sobre os povos tradicionais, a Amazônia brasileira e a comunidade de São Pedro do Uruá. Baseia-se nos estudos de Wagley (1988), Morán (1990), Vaz (1996), Escobar (1997) e Acosta (2016), que abordam questões fundamentais sobre comunidades ribeirinhas, além das observações realizadas durante a pesquisa de campo. O desafio é revelar uma Amazônia onde os processos comunicacionais são moldados pela natureza, influenciados pelas vastas distâncias e pelos obstáculos naturais que afetam a locomoção, principalmente por meio dos rios e florestas. Ao abordar essa temática, remetemos às ideias de totalidade e complexidade presentes no pensamento de autores como Souza (2019), Vaz (1996), Cruz (2011) e Moreira (1989).

No segundo capítulo, descrevo o processo da pesquisa com base no meu diário de campo, detalhando a metodologia utilizada, que inclui a abordagem qualitativa, análise de conteúdo, coleta de dados e o estudo de caso. Também explico o processo das entrevistas, observações participantes, e a pesquisa documental e bibliográfica. Referencio autores como Gerhardt (2009), Câmara (2013), Bardin (2011) e Gil (2007), que tratam de métodos de pesquisa e análise de conteúdo. Além disso, no início desse capítulo, apresento um dos meus principais objetos de estudo: a ecologia comunicativa, com ênfase em rádio amador e AM, fundamentando-me nos trabalhos de Tavares (1999), Ferraretto (2001) e Barbero (1997).

O terceiro capítulo é dedicado à análise dos impactos sociais da transição do rádio para a internet na comunidade. Exploro as mudanças no acesso à informação, novas formas de participação comunitária, e os impactos da internet Starlink, incluindo questões ambientais e econômicas. Baseio-me nos estudos de Gudynas (2016), que discutem os movimentos de justiça ambiental e defesa de comunidades na América Latina. Também abordo a revolução da comunicação e da internet, com o suporte teórico de FAS (2021), Paiva (2003), Recuero (2009) e Loureiro (2016).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE SÃO PEDRO DO URUÁ

Esta parte é dedicada a uma contextualização da comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá. Descrição geográfica, cultural e histórica da comunidade, bem como apresentar os principais meios de comunicação que foram tradicionalmente utilizados, como o rádio amador, AM e FM. Esta parte também estabelece a importância do estudo da transição para a internet.

1.1. Um retrato dos povos ribeirinhos da Amazônia

Quando se fala em Amazônia, lembra-se da extensa floresta e da rica diversidade social que a integra. É uma das regiões mais vastas do planeta, abrangendo aproximadamente 6,74 milhões de quilômetros quadrados. Desses, cerca de 59% estão em território brasileiro. A Pan-Amazônia, que inclui nove países sul-americanos, detém um bioma de imensa biodiversidade. No Brasil, a Amazônia Legal compreende os estados de Amapá, Amazonas, Acre, Roraima, Rondônia, Pará e Tocantins, e parte dos estados do Mato Grosso e do Maranhão, totalizando 5 milhões de quilômetros quadrados e abrangendo 805 municípios, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022).

A história da Amazônia é marcada por uma rica diversidade cultural e ecológica que se entrelaça com as narrativas de ocupação e exploração da região. Souza (2019), em sua obra monumental que traça a História da Amazônia desde o período pré-colombiano até os dias atuais, destaca que a Amazônia sempre foi um território disputado, onde a natureza e a cultura se misturam em um cenário de contínua resistência e adaptação.

Esta relação intrínseca entre o homem e o ambiente amazônico é corroborada por Moreira (1989), que argumenta que a paisagem amazônica é um conceito vivo, em constante transformação, onde a natureza e a cultura se fundem para formar uma unidade indissociável. O autor ainda acrescenta que compreender a Amazônia requer uma visão que vai além das aparências superficiais, mergulhando nas complexas interações entre os povos que ali habitam e o ambiente que os cerca.

Interessa-nos aqui os povos ribeirinhos distribuídos em comunidades às margens dos rios, que possuem modos de vida e culturas diferentes dos centros urbanos.

Originaram-se no século XIX, quando muitas pessoas de diversas partes do Brasil migraram em busca de emprego durante o ciclo da borracha na Amazônia. Elas se estabeleceram ao longo dos rios, formando comunidades ribeirinhas. A extração da

borracha foi a principal fonte de renda dessas populações por muito tempo. No entanto, quando a indústria da borracha enfrentou uma crise na década de 1950, muitos perderam seus empregos. Alguns decidiram permanecer na floresta, adaptando-se a novas formas de vida (Rampazo e Ichikawa, 2013).

À vista disso, a relação diferenciada com a natureza faz dos ribeirinhos grandes conhecedores sobre os aspectos da fauna e flora. A formação histórica deles é resultado do encontro de culturas: a miscigenação de povos originários e colonizadores europeus, além dos migrantes nordestinos. Os novos moradores foram se ambientando com os rios, principalmente ao redor do Rio Negro e Rio Amazonas. Assim sendo, a população na Amazônia brasileira é constituída basicamente por negros, indígenas e brancos, predominando o 'caboclo amazônico', fruto da mistura de raças, termo *caá-poré* que em tupi significa 'tirado da mata'.

Embora haja essa miscigenação entre europeus e os povos originários, outros fatores históricos têm frequentemente colocado a cultura e os povos tradicionais em posições de inferioridade e subordinação. Apesar disso, muitos padrões culturais herdados dos indígenas continuam notórios no princípio da cultura na região amazônica. Por exemplo:

Na língua portuguesa falada pelos brasileiros na Amazônia, uma grande quantidade de termos do tupi foi incorporada. Além disso, as técnicas, artes da caça e pesca, bem como crenças populares associadas a essas atividades, têm origem indígena. Nos diversos âmbitos da vida contemporânea na Amazônia, as tradições indígenas são nítidas (Wagley, 1988, p. 61).

Os ribeirinhos são considerados povos tradicionais devido ao seu modo de vida e identidade. E entender as discussões acerca da identidade desses povos envolve considerar várias implicações teóricas importantes.

Segundo Cruz (2011), para retratar a identidade dos ribeirinhos é preciso discutir alguns pontos e entender que a Amazônia é frequentemente vista apenas como uma fonte de recursos naturais e ecossistemas, assim é ignorada a identidade das comunidades locais. Essa visão é predominante e contribui para invisibilizar as populações tradicionais, não reconhecendo a história, cultura e diversidade social. Reis (1997) observa:

Desde o período em que os ingleses, holandeses, franceses, espanhóis e portugueses, em disputa militar e em concorrência mercantil, se lançaram à grande empresa de descobrir, penetrar, dominar politicamente a região, impondo-lhe soberania europeia e criando o empório de matéria-prima que satisfizesse as exigências dos mercados consumidores do Velho Mundo, aos nossos dias, quando o próprio Brasil vê, a Amazônia, como a sua imensa reserva de produtos primários essenciais à sua caminhada no campo da industrialização (Reis, 1997, p. 13).

Desta forma, é crucial superar essa perspectiva e considerar a interação entre aspectos naturais, sociais e culturais na formação da identidade dos ribeirinhos. Isso implica analisar tanto a dimensão temporal quanto as tradições e a relação dessas comunidades com a natureza. É nesta unificação que o espaço-tempo e o seu modo de vida podem ser concebidos.

Ainda sobre o aspecto da identidade dos ribeirinhos, Cruz (2011) explana que é considerada como genuína, única e forte até mesmo para resistir ao lado da globalização. Por outro lado, essa perspectiva muitas vezes negligencia o contexto histórico, social e cultural da região. Ou seja, a ideia de genuinidade é tratada de forma idealizada, ignorando os conflitos e contradições que moldam as identidades, além das desigualdades e exclusões sociais geradas pelo modelo de desenvolvimento verticalizado na Amazônia.

São conceitos equivocados sobre as comunidades ribeirinhas, os quais estão enraizados em representações e símbolos carregados de preconceitos, questões sociais e culturais. Essa visão estereotipada considera tais populações como atrasadas em comparação com pessoas de outros lugares. Neste sentido, Brito (2001) entende que elas são rotuladas como primitivas, sendo sempre caracterizadas pelo estereótipo de caboclo, além de serem desprezadas pelos preconceitos regionais tendentes a ocultar essa identidade.

Para Morán (1990), uma interferência de outros povos, principalmente, os portugueses, fez surgir essa caracterização: caboclo. Entretanto, a analogia do ribeirinho não se limita apenas às suas raízes, ela é o resultado de uma construção histórica e social contínua. Não pode ser vista como algo atrasado e estático, pois os processos de identificação e os laços de pertencimento são moldados ao longo do tempo por gerações que traduzem a singularidade de cada cultura por meio de práticas e experiências vividas por eles. Assim, o legado transmitido às gerações futuras está constantemente em processo de reinvenção, como expressa Ribeiro (2007):

Decerto, as identidades não são absolutas, prontas e acabadas. Elas se estabelecem no convívio social, no qual se cria e recria constantemente o sistema de valores e crenças, a compreensão do sentido de objetos, ações e relações interpessoais em um determinado grupo, caracterizando-o perante os demais (Ribeiro, 2007, p.04).

Isto posto, para compreender a identidade das comunidades ribeirinhas na região Amazônica, é importante considerar suas culturas, estilo de vida, territorialidades e conhecimentos adquiridos por meio de suas práticas diárias. Levando em conta a experiência vivencial e da concepção desses componentes que se forma a consciência de

pertencimento sócio-espacial e as identidades territoriais.

Uma vez que, por mais que os povos ribeirinhos da Amazônia brasileira sejam o principal foco de estudo aqui, não podemos deixar de destacar também as identidades territoriais dos ribeirinhos da Colômbia, Venezuela, Peru, Guiana, Suriname, Equador e Bolívia, todos têm em comum a Amazônia, mas ao mesmo tempo possuem suas particularidades.

Partimos da compreensão de que os povos tradicionais na Amazônia possuem "um modelo particular de gestão dos recursos naturais e de organização social" (Chaves, 2001, p. 77). Logo, pode-se garantir que durante todo o processo de territorialização, as identidades se formam, porém, não é correto afirmar que toda identidade é derivada de um território, nem que toda identidade contribui para a formação de territórios, uma vez que todas estão inseridas no espaço e tempo, mas somente algumas têm sua base no território.

Em relação à compreensão da construção de uma identidade a partir do território, dois componentes importantes estão envolvidos:

O primeiro deles é o próprio **território** que se consigna ao identitário, um ambiente onde a força da natureza se faz presente e onde se tem o conhecimento social e cultural. É nesse mesmo espaço que os ribeirinhos aprenderam a viver em um meio repleto de limitações e desafios impostos pelo rio e pela floresta, mas que possui um significado forte de pertencimento ao território. A intimidade dos ribeirinhos com a natureza fez com que eles moldassem o dia a dia, o modo de morar e de buscar meios para a própria subsistência.

Macas (2005) afirma que é importante entender como as comunidades ribeirinhas interagem com a natureza. Ele questiona se ainda é possível reconhecer a diversidade cultural e histórica dos povos indígenas ou tradicionais nos dias de hoje. Ele nos questiona: será que podemos pensar em novas formas de ser e agir. Podemos ser diferentes?

Toma-se como exemplo a função do rio como local de referência da identidade dos povos tradicionais, mas o rio é um ponto sobre o qual será falado mais para frente. Antes disso, serão abordadas as moradias construídas com madeira, barro ou palha como principais alternativas de construção. A maioria das casas são palafitas, por serem construídas alguns metros acima do nível do rio. As palafitas possuem a tecnologia de uso de tábuas para elevar o piso nos períodos de cheia do rio, principalmente as casas próximas de várzea.



Fotografia 1- Casa palafita à beira do rio

Fonte: reprodução Freepik

Como de costume, os ribeirinhos possuem quintal com algumas árvores frutíferas, hortas bem fartas e animais de criação como pato, galinha, gado, gansos e cachorros, vistos como acompanhantes de caça. A canoa, ubá ou barco, é o meio de locomoção mais usado pelos ribeirinhos, está sempre próxima das casas, como se fosse o carro na garagem.

A maioria das famílias não possui energia elétrica, água encanada e saneamento básico, sendo totalmente dependentes do rio, que possui uma função muito importante na vida dos ribeirinhos. É pelos enormes rios da Amazônia que são feitas as ligações entre as localidades, com a utilização de canoas, barcos, voadeiras ou lanchas, os únicos meios de transporte. O rio é a rua. Também funciona como calendário: “quando a água baixar, vou pescar no igarapé”, é uma típica colocação de quem mora na região.

Klondy Agra (2015), doutora em Geografia, ao estudar comunidades ribeirinhas amazônicas, reitera que:

[...] os diferentes pontos de vista dos povos amazônicos, juntamente com a valorização da água, não apenas proporcionam um lugar de destaque, mas também possibilitam, através de suas recordações e sua cultura, compreender o seu ambiente cotidiano e transformar o local inundado pela água em seu lar (Agra, 2015, p.187).

Em razão disso, é do próprio rio que os ribeirinhos possuem umas das mais importantes fontes de renda para sua sobrevivência: a pesca. A economia das comunidades vem da plantação da macaxeira, feijão, jatobá, cupuaçu, bacuri, Mari Mari,

ingá, tucumã, pupunha, buriti, cacau, coleta de castanhas, de açaí, melancia, da produção de farinha, beiju, tapioca, caxiri, entre outras fontes, ocupam um lugar nas atividades agrícolas.

Não podemos deixar de destacar aqui que uma das frutas que chamam a atenção é o cupuaçu¹, consumido por muitos nortistas e que os povos tradicionais veem como algo valioso para toda a Amazônia. De acordo com pesquisadores do Instituto de Biociências (IB) da USP (2023), o fruto, “parente” do cacau, é uma espécie domesticada pelas populações indígenas do médio-alto Rio Negro há mais de 5 mil anos.



Fotografia 2- Cupuaçu, fruta amazônica

Fonte: imagem reprodução Instagram

Todo o trabalho é feito com tecnologia indígena, como o tipiti, o forno de barro, a peneira e o cesto de carregar castanha. Apesar de os ribeirinhos serem agricultores, eles não possuem uma especialização; são o que querem ser e o que herdaram dos seus ancestrais. As práticas produtivas são destacadas por uma dinâmica peculiar, pois se integram como relações de respeito ao meio ambiente e de manutenção da subsistência das comunidades ribeirinhas.

Para Escobar (1997), preservar práticas culturais e ecológicas das comunidades ribeirinhas é um passo estratégico por parte do conhecimento, ao ponto de serem considerados a personificação de uma resistência ao capitalismo, à modernidade e como fonte de racionalidades alternativas. Escobar ainda argumenta: “apesar de que esta construção de identidade se baseia em redes submersas de significados e práticas das comunidades ribeirinhas, tem a ver igualmente com o encontro com a modernidade (os estados, o capital e a biodiversidade)” (Escobar, 2005, p 79).

¹ Jornal da USP. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/cupuacu-so-surgiu-com-a-domesticacao-de-fruto-por-indigenas/>. Acesso em 18 de fev. 2024.

Como segundo componente da construção identitária dos povos ribeirinhos, está o **saber** e a relação diferenciada com a natureza. Como citado anteriormente, todos e todas usam saberes tradicionais reunidos de geração em geração, instituindo diversas relações com o ambiente natural e os recursos locais. Por exemplo, a reprodução da fauna e flora, a atuação da lua em atividades de corte da madeira, pesca e roçado, a informação por meio dos patos de que irá chover, os sistemas de manuseio de recursos naturais, usados em tais informações do dia a dia, a utilização de plantas medicinais, o ritmo das águas, os sons da mata e as épocas da terra fértil ou não. Tudo isso é a junção da cultura, costumes e saberes repassados de pais e mães para filhos e filhas.

Os ribeirinhos são exemplos de forte senso de solidariedade. Eles sempre ajudam uns aos outros; são poucas as famílias que moram totalmente isoladas e, de qualquer forma, elas estão perto das comunidades (vilas) de referência. São nessas comunidades/vilas que participam de torneios de futebol, reuniões, festas ou missas/culto.

Eles gostam muito de festas, e as principais são as de Ano Novo, festas religiosas para comemorar algum Santo e torneios de futebol, nos quais apostam quantias em dinheiro ou gado. São diversas comunidades que competem entre si. Quanto às festas de Ano Novo, sempre há uma comunidade que mais chama atenção e é escolhida para ser o local do evento. Um ponto interessante disso é que, não importa de onde você seja, sempre será acolhido em alguma casa de família, mesmo sendo desconhecido.

As famílias são grandes; geralmente, os casais têm entre 4 e 11 filhos. As crianças estudam em escolas na própria comunidade. Alguns pais mandam os filhos para a capital para fazerem o curso superior; outros continuam no legado da família, trabalhando com a produção de farinha ou na pesca. Mesmo os idosos acompanham até o 'centro', lugar onde fazem farinha e que fica afastado das casas. É lá que fazem colheitas e demais serviços.

"O trabalho da 'farinhada' é o cerne da vida econômica e social de segunda a sábado. Fora dali quase nada acontece" (Vaz, 1996, p. 54). No final de semana é o momento de reencontrar os vizinhos, ir à missa seja católico ou evangélico, no campo de futebol, nos banhos de rio ou festas.

Apesar da presença da religião evangélica no meio social dos ribeirinhos, a maioria se declara católica e não costuma perder as cerimônias religiosas quando acontecem. Cada comunidade possui a própria capela, e os padres visitam os locais duas vezes ao ano, especialmente em comemorações de casamento e batismo. Entretanto, enquanto isso, quem celebra os cultos é algum membro da comunidade.

Mas tão importante quanto a missa é a festa religiosa dos santos, como citado anteriormente. Cada comunidade possui um santo padroeiro importante para ser festejado

anualmente, durante os dias de festas fazem muita folia, com comida oferecida por cada família da comunidade. A confraternização é bem mais elaborada que as festas de torneio de futebol ou mesmo o Ano Novo, pois são três dias de festas (Vaz, 1966).

Diante disso, podemos relatar que a singularidade do ribeirinho em si constitui-se na verdade em um sistema cultural, a qual é formada por uma unidade vinculada à economia, cultura e religião que dão sentido à sua existência no meio natural e humano da Amazônia.

A crença de que existem seres encantados que moram na floresta e nos rios cria outro componente na religião dos povos tradicionais. E a partir disso, cresce o cuidado que tem que ter com esses componentes. Cuidados como: um mulher menstruada não pode ir tomar banho sozinha a partir das 17h ou não pode passar perto do rio por conta dos 'encantos' do boto, segundo as crenças e relatos, estes que se direcionaram às experiências vividas por mulheres que vivem na região do rio Madeira, a lenda do boto diz respeito a um animal aquático, sedutor e grande fecundador, que a noite se transforma em um moço bonito e namorador, que vai às festas, dança com as moças e depois as seduz.

Na região amazônica, as populações ribeirinhas acreditam que há um reino encantado no fundo do rio. Ao longo das atividades de campo realizadas na Comunidade de São Pedro do Uruá e mediante entrevistas com mulheres da comunidade, ouvi relatos de experiências vividas não apenas por mulheres dessa comunidade, mas também por outras que vivem na região do rio Madeira sobre o mito de que o boto cor de rosa oferece perigo para as mulheres, enquanto o boto cinza, conhecido como boto Tucuxi, é responsável por salvar aqueles(as) que se afogam.

Segundo Wagley (1988), os pescadores não devem xingar os botos que estão próximos de suas canoas, pois podem ser feridos ou 'encantados'. "Essa e outras crenças de que as pessoas podem ser encantadas por seres das águas é conhecida praticamente em todas as comunidades ribeirinhas da Amazônia". Mesmo que certos elementos tenham sido herdados de outras culturas, hoje fazem parte do sistema dos ribeirinhos.

E com muitas inovações e a chegada do Estado, comunidades tradicionais resistem, adaptando-se aos choques externos e incorporando novos elementos ao seu padrão cultural. "Não se trata, então, de uma cultura formada por restos de crenças ou costumes fora do lugar, mas de pensamentos e práticas coerentes com a natureza e com a sociedade – tradições da vida indígena" (Vaz, 1996, p. 59).

Em contrapartida, a verdade é que os ribeirinhos estão muito mais próximos de uma cultura entendida como indígena do que luso-brasileira. Eles possuem uma série de tradições, costumes, mitos, histórias e técnicas específicas que são transmitidas de geração em geração. Esses elementos culturais são fundamentais para a construção da

identidade e do senso de pertencimento dessas comunidades.

Harris (2006, p. 15) evidencia que a continuação das “[...] identidades de base ecológica na Amazônia (por exemplo, ribeirinhos, indígenas), em torno dos recursos como a água e a terra, significa um forte elemento de ligação ao aqui e agora de um ambiente”. Logo, disso resulta o patrimônio cultural dessas comunidades.

Com isso, é possível adotar uma perspectiva mais generosa, valorizando e preservando os saberes tradicionais das comunidades ribeirinhas. Este é um gesto fundamental, não apenas para a Amazônia brasileira, mas para toda a Amazônia na América Latina. Ao fazê-lo, promove-se a inclusão social dessas populações, fortalecendo suas práticas culturais e autoestima, além de garantir que suas vozes sejam ouvidas e que tenham a devida representatividade.

A falta de infraestrutura adequada e a dificuldade de transporte em áreas remotas agravam ainda mais essa exclusão. Sem acesso a estradas, recursos médicos, escolas e mecanismos de qualidade de vida, essas comunidades permanecem invisíveis para o restante do país, o que perpetua as desigualdades e limita o desenvolvimento sustentável dessas regiões. A ausência de políticas públicas eficazes não só reforça o isolamento, como também coloca em risco a preservação e modos de vida tradicionais.

1.2. Raízes históricas e culturais da comunidade de São Pedro do Uruá

São Pedro do Uruá é uma comunidade localizada no município de Manicoré, no Estado do Amazonas, o município está a uma distância de aproximadamente 330 quilômetros a sudoeste de Manaus, a capital do Estado. Às margens do Rio Madeira, o município de Manicoré tem mais de 48 mil quilômetros quadrados, área maior do que dos estados de Sergipe, Alagoas, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Fundada em 1910, a comunidade de São Pedro do Uruá é vista pelos moradores da Vila Miriti como uma das comunidades ribeirinhas mais organizadas do município de Manicoré. Historicamente falando, o nome ‘São Pedro do Uruá’, segundo os moradores atuais da comunidade, tem origens ligadas aos indígenas e à colonização portuguesa na região.

O nome ‘São Pedro’ é uma referência ao santo padroeiro da comunidade, uma prática comum em muitas comunidades católicas do Amazonas. Quanto ao ‘Uruá’, é uma referência ao rio Paranã do Uruá, um rio importante na região, inspirado em uma concha

do aruá-do-mato, uma espécie de molusco gastrópode também conhecido como caracol.² Nessa mesma região, há muitas pedras com o formato do uruá, por isso leva esse nome.

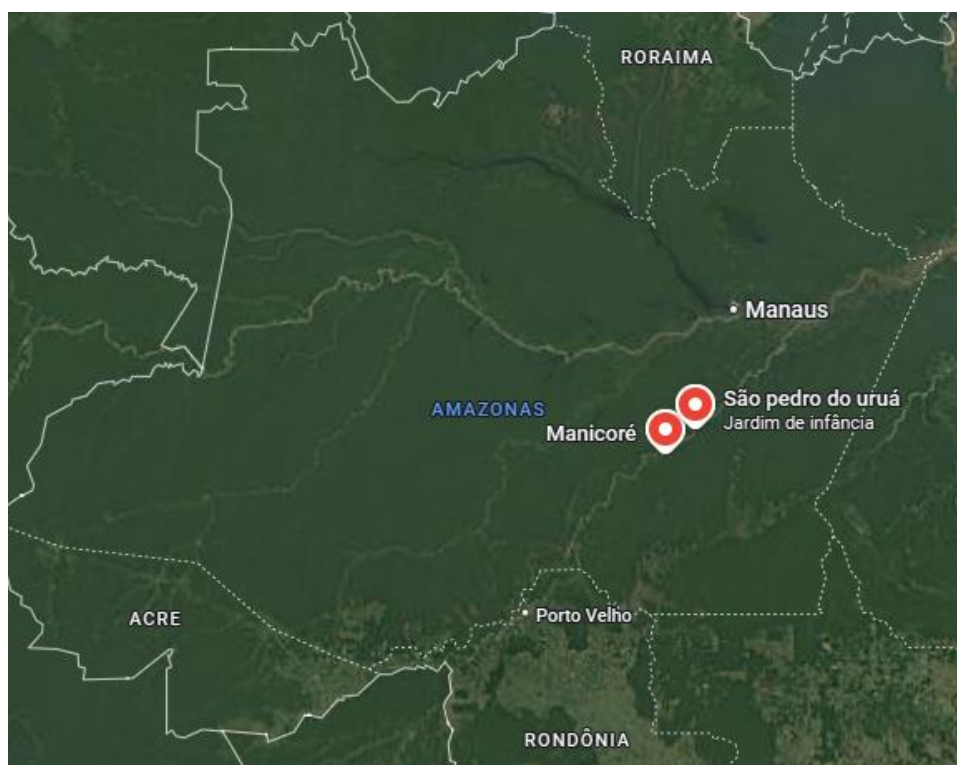


Imagem 1- Mapa do Amazonas localização da Comunidade São Pedro do Uruá

Fonte: Google Earth 2024

Para chegar à comunidade, o único meio de acesso é via fluvial. O percurso leva aproximadamente 3 dias de viagem em um barco de propriedade privada, que atualmente cobra R\$170 por pessoa. O bilhete é negociado diretamente com o proprietário dentro do próprio barco. Também é possível fazer a viagem por meio de uma lancha, cujo valor é de R\$400 e o percurso é feito em 12 horas. Todos os meios partem do Porto de Manaus.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2022/11/16/aruas-do-mato-sao-tesouros-vivos-das-florestas-brasileiras.ghtml>. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.



Fotografia 3 – Lancha que sai de Manaus a Manicoré

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

A partida para a comunidade e para o município de Manicoré pode variar, uma vez que são vários barcos que podem sair em qualquer dia da semana. Geralmente, saem toda terça e quinta-feira, retornando na sexta-feira ou domingo, transportando pessoas e mercadorias. Quanto às lanchas, costumam sair toda sexta-feira e retornam no domingo a Manaus.



Fotografia 4 – Barco com passageiros e mercadorias

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

Quem nunca viajou de barco ou lancha pelos rios da Amazônia pode ficar abismado

com a quantidade de mercadorias que vão, desde alimentos e animais até carros e motos. Além disso, as estruturas de algumas embarcações são antigas e precárias. Os barcos lotam rapidamente, então é preciso chegar 2 horas antes da viagem para demarcar espaço, atar redes e colocar as malas. Por outro lado, viajar pelo rio Amazonas³ e por seus mais de mil afluentes, como o Rio Negro, Rio Madeira, entre outros, encanta qualquer um com a beleza natural, com comunidades espalhadas por cada canto da região, um exemplo é a própria comunidade de São Pedro do Uruá.

A comunidade preza pela simpatia, amizade e recepção calorosa, pois qualquer pessoa é bem-vinda. Não podemos deixar de destacar que, quando um visitante chega à Vila Miriti, é recebido com festa, dança e comida. A anfitriã principal é uma das moradoras mais antigas da comunidade, Marina Batista, de 75 anos.



Fotografia 5 – Marina Batista, 75 anos, descendente da família Batista

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

Atualmente, a comunidade de São Pedro do Uruá possui uma população de aproximadamente 95 pessoas, a maioria das pessoas que moram no local são parentes e familiares.

³ Rio Amazona. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Amazonas. Acesso em 10 de fev.2024.

Segundo Araim José Batista Barbosa, o atual presidente da comunidade e professor da Escola Municipal Pedro Batista, se alguém quiser morar na vila Miriti é preciso ser parente ou se casar com alguém da comunidade, um costume que vem dos antepassados e que é mantido nos dias atuais.

Muitas pessoas da vila se denominam ribeirinhos e afirmam ser descendentes de indígenas que viviam na região há muito tempo. Os primeiros moradores, da família Batista, são descendentes de portugueses e indígenas. Quando chegaram à comunidade, ainda havia uma tribo indígena chamada Anicoré, que habitava várias partes da região de Manicoré e Rio Madeira.

No que diz respeito à infraestrutura da comunidade, o acesso a bens e serviços sociais, embora contingente, é organizado em comparação com outras comunidades do município de Manicoré. São Pedro do Uruá possui um campo de futebol, um centro social chamado Francisca Paes, uma escola municipal chamada Pedro Batista, um salão de dança e uma igreja católica.



Fotografia 6 – A única igreja da comunidade (igreja São Pedro)

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

Praticamente todos os moradores são católicos e seguem muitas tradições festivas de santos. Além disso, o presidente da comunidade, mencionado anteriormente, é a pessoa

que ministra as missas todos os domingos às 8h da manhã. Duas vezes por ano, um padre visita a comunidade para realizar batizados e casamentos.

Um ponto curioso que observei foi o nome dado à escola e ao centro social. Eles recebem os nomes de dois membros da primeira família que se instalou na comunidade. Atualmente, a maioria dos moradores possui esses sobrenomes: Batista, Paes, Barbosa, Mar, até porque são parentes.



Fotografia 7 – Centro social e escola municipal com as cores do atual prefeito de Manicoré

Fotos da autora: Jackeline Brazão (2023)

A comunidade não possui um posto médico que atenda os moradores, nem mesmo um kit médico para emergências ou alguém responsável pela saúde. Durante as entrevistas, o presidente da comunidade, Araim, destacou essa questão:

Quando se trata de saúde, nós temos que ir até o município de Manicoré ou de Novo Aripuanã que são duas horas de barco, em caso de urgência a prefeitura disponibilizou uma ambulância para as comunidades da região, só que roubaram e até o momento não recebemos outra e acho que vai demorar, então imagina se alguém levar uma mordida de algum bicho, algo que já aconteceu aqui. O exército vem com os médicos e dentistas, uma vez na vida aparecem por aqui com a balsa da saúde, mas é raro.⁴

Contudo, cada morador possui seu próprio kit médico comprado durante as viagens feitas aos municípios. Tratando-se das moradias, todas são de madeira, cobertas com

⁴ Araim José Batista Barbosa. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023.

telhas e palhas resistentes, são construídas no sistema de mutirão, os membros da comunidade se ajudam, algumas casas mais próximas do rio são chamadas de palafitas⁵, são espaçosas e têm mais de três quartos, justamente para receber familiares que vêm de Manaus ou outros municípios. As casas onde entrei, mesmo as mais simples, apresentavam um aspecto bem cuidado e limpo, com jardins cobertos de plantas medicinais e cheios de animais, como patos, galinhas, gados e porcos.

As moradias, em geral, possuíam poucos móveis; no entanto, as redes desempenhavam papéis principais, sendo utilizadas para relaxar nos momentos de lazer ou como camas. Além disso, algumas famílias tinham televisão (TV), outras não, mas o rádio estava presente em todas as casas que visitei. Isso talvez comprove o motivo de o mesmo ser indicado como o veículo mais importante para a transmissão de informações para os ribeirinhos, apesar da internet estar presente no ambiente.



Fotografia 8 – Casa palafita (à esquerda) e casas na beira do Rio Madeira.

Fotos das autoras: Jackeline Brazão (2023) e Suammy Saiury (2020)

Os moradores de São Pedro do Uruá possuem uma forte conexão com a natureza. Eles acreditam no poder dos remédios feitos a partir de folhas, cascas de árvores ou até

⁵ Palafita. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://www.normasabnt.org/referencia-do-wikipedia/>. Acesso em 15 de fev.2024.

mesmo líquidos extraídos de plantas para curar qualquer problema de saúde. Um exemplo disso é o óleo de copaíba, extraído da árvore *Copaifera officinalis*, típica da Amazônia.

Segundo Marina Batista, uma das moradoras da comunidade já citada, toda extração do óleo é feita sem agredir a planta para que eles possam reutilizar daquele benefício, “o óleo serve como um anti-inflamatório, trata dores, problemas na pele, digo com todo coração que é um remédio muito valioso para nós.”⁶ Além do óleo de copaíba, outro é o óleo de andiroba, “utilizamos muito para doenças respiratórias, vermífugos e para a pele”⁷.

Os anfitriões da casa onde fiquei hospedada, me relataram na entrevista que o conhecimento das plantas medicinais, dos rituais e das rezas, é transmitido de geração em geração. Há uma pessoa que tem as mãos ‘milagrosas’, como se fosse um ortopedista, mas, diferente do médico, o conhecimento vem dos antepassados indígenas. Rosemary Gomes Batista e Rosa Gomes Batista (mãe e filha) são as ‘puxadeiras’, as que colocam o osso fraturado no lugar, que fazem proteção para o ‘mau-olhado’ e de preparo de garrafadas supostamente milagrosas, capazes de curar doenças e até engravidar qualquer mulher que sofresse de ‘útero seco’, ou melhor, com problemas no útero ou ovários.

Rosemary relata: “quando uma criança está muito brava e irritada – ou até mesmo um adulto com problemas de saúde, eles usam folhas específicas para cada situação, até mesmo para prosperidade e conexão com a terra, ela é a cura para qualquer problema”⁸.

Ainda sobre a conexão com a natureza, eles sabem sobre o tempo sem precisar olhar no celular. Quando o pato abre muito as asas significa que vai chover. Quando o tempo fica frio, os peixes vão para a parte da superfície do rio, sendo um ótimo momento para a pesca. Não se deve andar de chinelo à noite, pois é nesse momento que as cobras venenosas andam pelas passagens e podem dar o bote.

Se você não tiver um repelente para espantar carapanã⁹, pode colocar suas mãos em alguma árvore, especialmente na Sumaúma, para atrair a formiga Tachí. Basta colocar a mão no tronco para que elas subam na pele, liberando um aroma que funciona como repelente natural.

⁶ Marina Batista. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023. Em Apêndices.

⁷ Marina, entrevista já citada.

⁸ Rosemary Gomes. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023. Em Apêndices.

⁹ Do tupi [karapa'nã] mosquito sugador de sangue, muriçoca. Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carapan%C3%A3>. Acesso em 15 de fev.2024.



Fotografia 9 – Formiga Tachí - repelente

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

O lixo em São Pedro do Uruá é queimado ou enterrado. Todo mês é realizado um mutirão para fazer a limpeza em cada quintal, na escola, no centro social, no salão de festas, no campo de futebol. Eles verificam a questão de árvores mais velhas para evitar acidentes. O mais impressionante é que os moradores fazem o possível para não gerarem lixos. Fazem coletas, evitam usar plásticos e cada canto da comunidade tem um ponto para jogar lixo, reutilizam eletroeletrônicos velhos como lixeiras:



Fotografia 10 – Coletas de lixo e avisos para visitantes e moradores

Fotos da autora: Jackeline Brazão (2023)

A escola também participa, realizando atividades no Dia do Meio Ambiente, como campanhas de educação ambiental. Nesses eventos, os alunos coletam lixo e conversam com os moradores, incentivando-os a não jogarem resíduos em qualquer lugar da comunidade ou a desmatar as florestas.

Nestas situações, em que se observa conexão com a natureza, consciência do território e alternativas como uma forma de vida, em que a natureza deve ser protagonista e sujeita de direitos, trata-se do *Buen Viver*. Para Acosta (2016) a filosofia do 'Buen Vivir' (em português "Bem Viver") é um caminho em construção, fundamentado na solidariedade entre os seres humanos e a natureza.

O Bem Viver, conforme explicado por Alberto Acosta, é viver em harmonia com a natureza e em comunidade, garantindo dignidade para todos e preservando o equilíbrio da natureza. Isso se manifesta por meio de práticas como fortalecimento de laços comunitários, organização política inclusiva, cooperativas de consumo consciente. É uma maneira de viver em pequena escala, sustentável e solidária, crucial para a sobrevivência da humanidade e do meio ambiente.

Retratando um conceito político e ecológico, viver na comunidade de São Pedro do Uruá é sinônimo de segurança, ecologia e tranquilidade. Lá não há ruas; elas são chamadas de 'passagens' e são identificadas pela casa onde mora determinado morador.

As lideranças comunitárias se organizam politicamente por meio da formação de

grupos de produção, como, por exemplo, a presidência comunitária. Atualmente, o cargo é exercido por um homem, Araim José Barbosa, como citado anteriormente. Sua principal atribuição é representar a comunidade para conseguir benefícios e recursos que melhorem a vida de todos os membros. *“Assumi o cargo esse ano (2023), minha principal função aqui é estar atualizado de tudo que está ocorrendo na comunidade, resolver problemas sociais, representar a comunidade na prefeitura de Manicoré e até mesmo no Estado do Amazonas.”*¹⁰

Junto com ele estão as lideranças da associação geral da comunidade; do sindicato dos pescadores; dos agricultores; da associação da igreja; dos produtores rurais; da coordenação do Conselho Escolar; da coordenação de Saúde e da coordenação dos times de futebol. Essas lideranças fazem parte da prefeitura de Manicoré e do governo do Estado do Amazonas. Uma vez por mês, eles costumam fazer uma reunião e sempre informam a comunidade de qualquer problema ou solução.

São Pedro do Uruá também é equipada com um sistema de abastecimento de água tratada que funciona usando uma tecnologia que não degrada o meio ambiente, por meio de um poço artesiano. Esta é uma iniciativa da prefeitura de Manicoré. A água tratada chegou para toda a comunidade em abril de 2022, segundo Daniel Batista Moraes, um dos moradores da comunidade e o responsável pelo funcionamento do sistema de abastecimento de água. Um ponto notável é que, para levar a água até a caixa, eles utilizam energia solar, com um dispositivo que aciona automaticamente a bomba de água sem a necessidade de ligar a energia elétrica ou o motor a diesel.

Antes, para terem acesso à água para tomar banho ou utilizar para consumo, os moradores precisavam ir até o rio, ter uma caixa d'água ou encontrar um olho d'água. Infelizmente, nem todos tinham condições de possuir a própria caixa d'água, e alguns, incluindo idosos, precisavam subir e descer o barranco para pegar água do rio. Uma das moradoras fraturou o joelho devido a esse esforço diário. Quando o rio secava, era um dos piores momentos, pois era necessário ir até a praia para conseguir água.

Quanto à energia elétrica, a comunidade possuía apenas um gerador que, antes da chegada do Programa Luz para Todos em junho de 2023, funcionava todas as noites, das 18h às 22h30, abastecendo a comunidade inteira, inclusive a Escola Municipal Pedro Batista. Cada morador pagava uma taxa de R\$70 para a manutenção e compra de diesel. A pessoa responsável pelo ligamento também era o morador Daniel, citado anteriormente.

Já o Luz para Todos foi uma iniciativa esperada havia anos pelos moradores.

¹⁰ Araim, entrevista já citada.

Representantes do Governo Federal, juntamente com a prefeitura de Manicoré, foram instalar os postes. Mesmo com a chegada desses postes, dois meses antes da pesquisa de campo (feita em setembro de 2023), durante a semana que passei na comunidade, foi perceptível que os moradores não podiam contar 100% com a energia, pois ela oscilava e podia faltar por dois dias ou mais.

Os moradores que tinham mercados sofriam com esse problema; o comerciante Nonato Barbosa chegou a comprar o próprio gerador para manter os frios e carnes bem conservados. *“Se eu fosse depender dessa energia, minhas carnes estavam estragadas e quando o nosso representante vai reclamar para os responsáveis, eles ameaçam tirar a energia da gente, sendo que é um direito nosso.”*¹¹ A taxa do Programa Luz para Todos é fixa no valor de R\$40.



Fotografia 11 - Estrutura construída para proteger o gerador.

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

A escola, construída há mais de 20 anos, oferece ensino de alfabetização até o 9º ano do ensino fundamental, com apenas quatro salas de aula que possuem cerca de 60 alunos, sendo alguns de outras comunidades. Há quatro professoras e dois professores

¹¹ Nonato Barbosa. Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2023.

responsáveis pela escola, sendo duas moradoras da comunidade de São Pedro e as outras duas da comunidade de Nazaré do Uruá. Um dos professores é o atual presidente, ele também é responsável pela escola. Cada professora participa de um curso de reciclagem uma vez por mês para aperfeiçoar a qualidade do ensino. Após os alunos concluírem o ensino fundamental, a família pode optar por eles cursarem o ensino médio em Manicoré ou em outra comunidade próxima que ofereça esse nível de ensino.

O futebol é o esporte mais importante para os ribeirinhos. A comunidade possui seu próprio time, tanto feminino quanto masculino, representado pelos moradores. Além disso, é uma comunidade que costuma sediar campeonatos de times de comunidades vizinhas, eventos que mobilizam e agitam os finais de semana na região.





Fotografia 12 – Times representantes da comunidade

Fotos: Idelson Chaves (2022)

Assim como o futebol, os moradores da comunidade são adeptos a festividades, é um forte da sua cultura. Organizam três grandes eventos por ano, sendo o primeiro realizado sempre no dia 29 de junho para comemorar a festa do Santo São Pedro, padroeiro da comunidade, dura em média 4 dias, já inclui a festa junina, festa do açaí e da banana.

O segundo evento acontece sempre no final de setembro, quando termina o campeonato de futebol. A última festividade acontece no dia 31 de dezembro, e podemos dizer que é a segunda mais importante para eles, pois organizam uma grande festa de Ano Novo, com direito a cantor, concurso de danças valendo dinheiro, rifas para concorrer a um gado e fogos de artifício. Muitos moradores de outras comunidades, além de parentes que residem em Manaus e Manicoré, vão passar a virada do ano em São Pedro do Uruá.

Em relação à economia dos moradores da Vila Miriti em São Pedro do Uruá, a plantação de diversos tipos de frutas e verduras – melancia, feijão, cacau, quiabo, açaí, banana, mandioca, entre outras plantações, bem como a produção de farinha, são algumas das principais fontes de renda da maioria das famílias. A farinha, um dos alimentos que não pode faltar na mesa dos amazonenses, está presente há anos, é herança indígena e faz parte da cultura de muitas comunidades, municípios e da capital do Amazonas, Manaus. A farinha é lei.

Cada família possui a própria casa de farinha, localizada a aproximadamente 30 minutos de distância da comunidade. Eles costumam ir a pé, uma vez que não há meios de transporte como carro ou moto, apenas canoas, que funcionam como se fossem carros

para eles. Algumas famílias recebem Bolsa Família e aposentadorias, que são os programas do governo mais presentes, contribuindo com a renda.

Muitos membros da comunidade também trabalham com a pesca e o extrativismo; no entanto, é mais para a subsistência do que para o comércio. Durante a pandemia da Covid-19, grande parte das famílias de São Pedro do Uruá ficou isolada e sobreviveu durante meses apenas de peixe e farinha. Não podiam receber alimentos de familiares que vivem em Manaus, e os dois pequenos comércios que vendiam alimentos haviam acabado o estoque. Segundo Marina Batista, moradora já citada, o motivo era que ninguém podia sair da comunidade, pois eles não sabiam o que era de fato o vírus. *“Nós não podíamos receber encomendas de Manaus, porque nosso único meio são os barcos e nenhum estava viajando, tudo ficou parado, acabou os alimentos e a única coisa que tínhamos era o peixe, farinha e as nossas plantações de frutas.”*¹²

Podemos notar que, mesmo que os ribeirinhos de qualquer lugar da América Latina tenham seus alimentos plantados ou criados, eles não estão isentos da insegurança alimentar. Para os ribeirinhos da Amazônia brasileira, essa condição de insuficiência de comida é uma realidade tão comum que passa despercebida. E quando essas situações ocorrem, o único meio é depender da natureza ao invés das políticas públicas.

Há outras situações, durante o período de cheia, é impossível plantar, e os peixes, surpreendentemente, se dispersam na vastidão das águas, tornando a pesca mais difícil. Como resultado, as famílias enfrentam uma situação de vulnerabilidade devido a essa realidade das inundações. Uma das alternativas é viajar a Manaus ou Manicoré em busca de outros alimentos.



Imagem 2 – Esqueletos de peixes mortos no Rio Negro durante grande seca

¹² Marina, entrevista já citada.

Fonte: Profissão Repórter/ TV Globo (2023)

No período em que estive na comunidade, em setembro de 2023, o Estado do Amazonas estava passando pela maior estiagem até então já registrada na região. Foi nesse momento que descreveram os desafios de conviver com os fenômenos da seca, os impactos na rotina das pessoas e as consequências nos hábitos de alimentação. Mais uma vez, eles passaram por uma situação de insegurança alimentar; muitos membros da comunidade compravam 'fiado' ou dependiam de doações.



Fotografia 13 – Margens do Rio Madeira na estiagem: em frente à casa da Marina Batista

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

O atual governador do estado, Wilson Lima, pediu ao governo federal pelo menos R\$100 milhões para ajudar a levar água e comida para diversos municípios e comunidades do Amazonas, dado que grande parte do transporte é feito por meio fluvial.



Imagem 3 – Reportagem feita pela CNN Brasil

Fonte: CNN (2023)

Conforme Araim, eles já vivenciaram muitas cheias e secas, mas nunca uma estiagem tão forte ao ponto de faltar água e matar muitos peixes, plantações acabando. *“passamos por muitas situações, por conta da nossa própria cultura, mas ao ponto de membros da comunidade chegarem a não ter o alimento base para comer foi doído para nós”*¹³.

Foi por meio de redes sociais e aplicativos de comunicação que esses ribeirinhos se mobilizaram, compartilhando suas necessidades e buscando ajuda de ONGs e órgãos governamentais.

¹³ Araim, entrevista já citada.

RÁDIO E COMUNIDADES RIBEIRINHAS: ENTRE TRADIÇÕES E MUDANÇAS

Nesta parte são apresentados detalhes da metodologia utilizada na pesquisa, como a abordagem qualitativa e o estudo de caso. Há explicitações das entrevistas, observações participantes, pesquisa documental e bibliográfica que foram conduzidas. Além disso, é apresentada a descrição e de como a análise de conteúdo foi aplicada na coleta e interpretação de dados. Este capítulo é fundamental para fornecer uma base para compreender como a pesquisa foi realizada.

2.1. Rádio Amador e AM: quebrando barreiras e reduzindo o isolamento

Historicamente, a primeira transmissão por ondas de rádio no Brasil¹⁴ ocorreu no dia 7 de setembro de 1922, nas comemorações do centenário da Independência. O conteúdo que marcou a iniciativa da rádio foi do então presidente da República, Epitácio Pessoa, poucos ouviram o que o presidente tinha falado naquele dia.

Somente no dia 20 de abril de 1923, começou a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tornando-se a emissora pioneira AM (Amplitude Modulada) no país. Tendo como representantes e fundadores Roquette-Pinto e Henrique Morize, o intuito da emissora era lutar pela cultura e educação do povo brasileiro.

Na década de 1930, o rádio teve que definir caminhos e encontrar rumos. Miranda (s/d, p. 72) retrata que “o impacto do rádio sobre a sociedade brasileira a partir de meados da década de 30 foi muito mais profundo do que aquele que a televisão viria a produzir trinta anos depois”. Já nos anos 40, conhecida como a ‘era de ouro’ do rádio brasileiro, iniciou-se o que atualmente é chamado de guerra de audiência, com as emissoras intensificando seus esforços para atrair o público por meio de programações.

Neste mesmo tempo, os programas humorísticos e de entretenimento se destacaram, e em 1941 foi ao ar a primeira radionovela da história da comunicação não-impressa no Brasil: Em Busca da Felicidade. Essa novela permaneceu no ar por quase dois anos, de junho de 1941 a maio de 1943.

Outra mudança encontrada pelo rádio foi na transmissão. Por transmissão em AM (Amplitude Modulada) entende-se a modulação da amplitude das ondas, enquanto em FM (Frequência Modulada), a modulação da frequência. Partindo dos estilos de cada ouvinte,

¹⁴ Centenário do Rádio. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/primeira-transmissao-oficial-em-1922-marcou-o-inicio-do-radio-no-brasil>. Acesso em 21 de fev. de 2024.

encontra-se no AM um 'rádio mais amigo', com uma linguagem mais intimista com o ouvinte. Está muito mais próximo do companheirismo do meio, em que até Edgar Roquette-Pinto se revelava como o animador de novas esperanças.

Dessa forma, podemos salientar que o rádio, e em especial o AM, tornou-se companhia para a dona de casa, para o trabalhador noturno, do campo e dos lugares mais afastados, proporcionando uma interação entre público e emissora. Quanto ao rádio FM, ele nasceu com a Rádio Imprensa do Rio de Janeiro, a primeira emissora a operar nesta faixa, e era usado apenas como forma de comunicação entre o estúdio e a antena de retransmissão da emissora.

Para Ferraretto (2001), a fama das emissoras em FM foi alcançada principalmente com o público jovem, sintonizado no rock transmitido entre as décadas de 1960 e 1980 por rádios alternativas inspiradas nos modelos norte-americanos. Nas emissoras, os comunicadores adotavam uma linguagem sempre bem humorada, focada no entretenimento, justamente para atingir o público jovem. Na década de 1960, o FM foi regulamentado pelo governo federal.

O declínio da audiência das emissoras de rádio AM no Brasil contrasta com o crescente domínio das emissoras FM. Essa mudança de preferência pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a baixa qualidade sonora do AM, frequentemente caracterizada por chiados e ruídos. Em resposta a isso, algumas estações AM oferecem ajustes gratuitos nas antenas para melhorar a clareza do som.

Além disso, outro fator relevante para a migração de ouvintes é que algumas emissoras FM, que possuem qualidade sonora superior, adotaram programações semelhantes às das emissoras AM. Assim sendo, os ouvintes podem desfrutar de um som de alta qualidade sem perder o conteúdo que já apreciavam, promovendo a transição de audiência do AM para o FM.

Em contrapartida, o surgimento da televisão assinala o término da 'era de ouro' do rádio. Para enfrentar essa consequência, o rádio teve que explorar novos horizontes e se reinventar, até mesmo como meio de informação. A discussão que emergiu naquela época é semelhante ao que ocorre nos dias atuais: qual é o futuro do rádio? O rádio vai acabar? Hoje, ele não tem apenas um concorrente, mas sim dois.

Portanto, engana-se quem acredita que o rádio chegou ao fim por conta dos podcasts, vídeos, web rádio. Pelo contrário, o rádio se reinventou. E ainda é um dos meios de comunicação mais eficientes para levar informação aos lugares distantes e menos acessíveis. O rádio na vida de muitos ribeirinhos tem história mesmo com a chegada da internet. Conforme a Fundação Amazônia Sustentável (2021), “[...] é importante pontuar

que o rádio ainda é um dos principais meios de comunicação em comunidades ribeirinhas e que é muito requerido por comunitários”.

Considerando esse contexto, podemos afirmar que o rádio contribui na conexão e interconexão da Amazônia. Sua relevância vai além da tecnologia, sendo especialmente significativa do ponto de vista cultural, pois, por meio da disseminação de informações, proporciona acesso à educação para muitas pessoas que, de outra forma, não contêm essa oportunidade. Na era digital, a rádio originária da região amazônica alcança uma audiência global, transformando uma vasta rede de antenas em um meio de comunicação que transmite informações em formato digital, superando assim as limitações geográficas (Mafra et al. 2011).

Apesar de toda a evolução dos meios de comunicação e tecnologias citados acima, para a comunidade de São Pedro do Uruá, o rádio é um meio relevante, devido ao baixo custo do receptor em comparação com outros meios de comunicação e à facilidade das ondas eletromagnéticas em penetrar em locais isolados, como a comunidade em questão.

Para Mafra et al. (2011), a rádio não apenas transmite informações, ele transforma realidades e tem um poder nas esferas cultural, econômica e social. Assim, é notório o quanto ele ajudou a Amazônia quando se trata de comunicação.

O rádio é um companheiro desde a infância de Mathias Coricos, 74 anos, morador de São Pedro do Uruá. Mathias menciona que graças ao rádio ele consegue saber tudo que está acontecendo no estado, no Brasil e no mundo para não se sentir tão isolado. O caseiro e pescador conta que o pouco de conteúdo que aprendeu foi pela rádio:

Eu não sei mexer muito em telefone, mesmo com internet aqui não me interessei, o rádio é meu companheiro de trabalho, foi por ele que entendi que o coronavírus era uma doença que estava se espalhando rapidamente pelo mundo e era muito perigosa para minha idade, uma notícia que chegou por último aqui, nem sabíamos o que estava acontecendo.¹⁵

É notório que o suporte dos meios de comunicação de massa, que são aqueles que possibilitam a difusão da informação a grandes contingentes de pessoas e ocupam um lugar cada vez mais estratégico na sociedade, permite compartilhar conhecimentos de interesse público não só para o meio urbano, mas também para o meio rural como um todo. Como diz Barbero (1997, p. 258), “O eixo de debates na sociedade deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes

¹⁵ Mathias Coricos. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023. Em Apêndices.

culturais”.

Em vista disso, a rádio de ondas curtas, aliada das comunidades ribeirinhas, é uma das formas de saber o que está acontecendo no Brasil e no mundo, tornando-se uma base de informação. “O rádio amazonense foi um dos mais importantes atores dessa trajetória de evolução e agora, na era digital, se faz multifacetado para dar conta desses públicos, considerando os diferentes interesses, desde o executivo até o ribeirinho do mais longínquo município.” (MAFRA, 2011, p. 51).

Pedro Batista, 64 anos, morador da comunidade, relembra que o rádio foi o primeiro companheiro dos mais antigos de São Pedro do Uruá:

Se não fosse o rádio, a gente nem imaginaria o que estava acontecendo no Brasil, para nos atualizarmos é só pelo rádio, depois chegou a TV, mas nem todos tinham condições de ter uma TV, depois veio a internet via rádio, mas a qualidade não era tão boa e quase ninguém mexia no celular, então eu prefiro a rádio enquanto estou trabalhando.¹⁶

Ele é um dos moradores mais antigos da comunidade e o criador da rádio comunitária que funcionou até 2016. O intuito era passar informações públicas por meio de um megafone instalado no campo de futebol, possibilitando que os moradores ouvissem, especialmente as famílias que não tinham televisão ou rádio em casa.

O nome da rádio era Miriti¹⁷, escolha não era uma qualquer, mas parte de uma relação comunicativa entre a tecnologia, o ser humano e, no caso, uma palmeira bem conhecida na região amazônica, e é o nome que leva a vila da comunidade: Miriti.

Percebe-se que a ecologia comunicativa da comunidade incorpora a natureza que habitam; neste caso, a linguagem e os modos podem refletir a natureza ao redor, com palavras e expressões derivadas de elementos naturais.

Isso resulta que a comunicação na comunidade se dá em uma ecologia complexa em que a natureza faz parte dos hábitos humanos e é necessário saber nos comunicar com ela. Impossível ignorar a dinâmica do rio, da floresta e dos animais no processo comunicacional em São Pedro do Uruá, ainda que seja difícil registrar a relação dos ribeirinhos com todos esses elementos.

Quanto ao rádio, ele acompanha todo esse contexto, além de ter mudado a vida dos moradores da São Pedro do Uruá. Edgard Roquette-Pinto, considerado o pai da radiodifusão no Brasil e criador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, como colocado anteriormente, teve o intuito de difundir a educação por este meio, e lembrava que: “O rádio

¹⁶ Pedro Batista. Entrevista realizada dia 5 de setembro de 2023. Em Apêndices.

¹⁷ Com o nome científico de *Mauritia flexuosa Mart*, o miriti é também fonte de renda, isolante térmico e acústico, cosmético, acessório, alimento e até filtro natural de água.

é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (TAVARES, 1999, p.8).”

No que diz respeito à educação, propriamente dita, o contexto também era de efervescência na comunidade de São Pedro do Uruá, que muitas vezes o rádio era utilizado como um meio para dar aulas, pelos professores. Eram veiculadas as aulas sobre diversas disciplinas, como matemática, português, ciências e estudos sociais. A Rádio Rio Mar é uma das rádios mais antigas do Amazonas, com programação religiosa e comunitária. Também transmite informações educativas e culturais. Frequência: AM 1290 kHz e FM 103,5 MHz.

Durante períodos em que os alunos não podem frequentar a escola (como durante a pandemia da COVID-19), a rádio e a internet serviram como ferramentas vitais para a continuidade da educação. Meditsch (1999) retrata que “as fronteiras da radiodifusão se tornam indefinidas graças às novas tecnologias, de modo que a transmissão não se limita a transmissores terrestres, mas inclui satélites, cabo e internet, como meios de oferta de programação”.

Ao analisar a questão de o rádio ter servido como meio para educação dos povos tradicionais, nos lembramos da ideia de Roquette-Pinto, em 1926, sobre “Radioeducação do Brasil”, o plano era ‘transformar’ a mentalidade popular do país. Mas ele só esqueceu que o Brasil é multicultural, ou seja, tinha um preço por isso, como os requisitos formais e a falta de cuidado com os níveis sociolinguísticos e repertório de conteúdos em cada parte do Brasil para diversos tipos de audiências.

A rotina relatada pelos entrevistados está pautada na experiência coletiva dos ouvintes de rádio na comunidade de São Pedro do Uruá. Trata-se de uma memória individualizada, ao mesmo tempo informada pelo que foi vivido com os outros e pelo que se ouviu, uma memória equacionada pela relação com o espaço. É como cita Halbwachs (2006), ao introduzir que os acontecimentos e vivências que passamos são inseridos “no ambiente natural que nos circunda”. Um exemplo disso são as comprovações espaciais dos igarapés, rios, caminhos pela floresta, vilas e comunidades que estão presentes nas falas dos entrevistados.

Em outras palavras, podemos dizer que as lembranças que os povos ribeirinhos têm sobre os programas transmitidos pelas ondas de rádio são contextualizadas pelo espaço, experimentado por eles no ambiente familiar, nas atividades laborais, nas viagens de barco pelos rios da Amazônia e na alternância entre os cenários urbanos e rurais. Valdira Batista, 46 anos, é filha de Marina, citada anteriormente. Ela falou pra mim sobre algo que disse ter

vergonha de revelar, na qual o rádio fez parte de sua educação, mesmo sem saber ler: *“o pouco que eu sei sobre questões sobre o mundo é graças ao rádio, eu não fui alfabetizada, tive que trabalhar desde cedo e infelizmente não consegui aprender, mas o rádio foi meu amigo”*.¹⁸



Fotografia 14 – Entrevista com Valdira Batista
Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

Em síntese, o mais interessante aqui é compreender as sutilezas sociológicas e históricas dos ribeirinhos de São Pedro do Uruá como uma realidade que tem muito a nos ensinar sobre diversas situações socioespaciais da região. Não só São Pedro do Uruá, mas outras comunidades tradicionais da América Latina tiveram o rádio para superar as distâncias e barreiras naturais por meio de trocas comunicativas.

2.2. Por uma ecologia da comunicação

É por meio da comunicação que vivenciamos as relações sociais e o sentimento de pertencimento a uma comunidade. O processo de troca de informações entre dois ou mais indivíduos, seja por meio de palavras, gestos, sinais ou qualquer outro recurso que permita

¹⁸ Valdira Batista. Entrevista realizada no dia 05 de setembro de 2023. Apêndices.

transmitir e receber mensagens, é um ato para a interação humana, possibilitando que se estabeleçam relacionamentos, compartilha-se ideias, expressem-se sentimentos e construam-se um mundo social.

Para Baitello Jr. (2005, p. 8), é “impossível pensar a comunicação humana sem a vertente histórica dada pela cultura.” Para ele, “se a comunicação é construção de vínculos, a cultura é o entorno e a trajetória complexa dos vínculos, suas raízes, histórias, sonhos, seu lastro e leveza, sua determinação e indeterminação”.

Logo, a comunicação é o principal veículo de transmissão e perpetuação da cultura, permitindo que conhecimentos, valores e tradições sejam transmitidos de geração em geração. Em contrapartida, há teorias de McLuhan (1974), em que o autor destaca que o meio não é apenas um simples canal de transmissão de informações, mas sim um elemento determinante na comunicação. Ele enfatiza que o próprio meio influencia diretamente como o indivíduo irá receber a mensagem, mais do que o conteúdo em si.

A habilidade comunicativa envolve a percepção do ambiente natural e social, além de expressar as próprias necessidades de interação com esses contextos. E com os avanços das tecnologias, há um fato de descontextualização entre o espaço e o tempo, que vem distanciando a sociedade de sua conexão direta com o entorno.

Portanto, esse entorno comunicacional deve ser analisado sob a ótica da ecologia, considerando como a comunicação e a conexão ocorrem. Dessa forma, há uma troca entre o presente individual e o coletivo, gerando vivências e sentidos que ajudam a compreender o passado e estimulam a receptividade.

O que seria de nós sem a conexão com outro? Contrera (2003, p. 105) reitera que, “sem a formação de vínculos não há nenhuma possibilidade de comunicação e nenhuma instância de vida, os vínculos são a premissa básica para a formação dos vasos comunicantes capazes de alimentar e manter vivo qualquer sistema”.

Para Paiva (2003, p. 136), a vida comunitária oferece uma oportunidade única de experimentar e fortalecer diversos tipos de vínculos e conexões, tanto entre os seres humanos quanto com seu ambiente e o universo. Esses laços se manifestam em diferentes esferas: entre humanos e o território, entre seres humanos e sua história, entre seres humanos, a natureza e os animais, entre seres humanos e o cosmos.

Sobre a tecnologia, Paiva nos convida a questionar se realmente cumpre a promessa de encurtar distâncias entre as pessoas ou se, na verdade, a vida comunitária precisa ser ressignificada para fortalecer os laços de convivência. E embora a tecnologia ofereça novas formas de comunicação, ela nem sempre promove uma verdadeira socialização e conexão entre os indivíduos.

Na perspectiva da ecologia comunicativa, que compreende a comunicação como parte de um ecossistema social e cultural mais amplo, torna-se necessário repensar a maneira como utilizamos esses meios para, de fato, fortalecer as relações dentro das comunidades.

A ecologia consolida que o ambiente comunicacional não é neutro, mas sim um fator determinante na construção de laços entre indivíduos, e que o sucesso da convivência depende de como a comunicação, especialmente por meio da tecnologia, é integrada à vida comunitária. “Nesta experiência do comum, a comunidade é onde a função básica da comunicação é dada, de acordo com a tese ecológica: comunicação cria comunidade, comunicação cria comunhão.” (ROMANO, 2004, p 31).

A ecologia comunicativa cria uma conexão entre o estudo da comunicação e a ecologia humana, sendo um dos pontos de estudo os efeitos que as tecnologias exercem sobre as interações humanas. Ela examina como os meios eletrônicos influenciam a natureza das relações sociais, como também o impacto dessas dinâmicas no meio ambiente.

Neste sentido, Romano (2004) conceitua que essa ecologia da comunicação se dedica a consequências e interposições tecnológicas sobre os seres humanos, meio ambiente, cultura e comunicação. Vem promover a criação de vínculos e a formação de comunidades, prevenindo mudanças sociais, reforçando a cidadania e a sustentabilidade.

A ecologia da comunicação transcende a simples reflexão sobre o ser humano, suas formas de comunicação e seu contexto social. Na verdade, está intrinsecamente conectada a temas como sustentabilidade, educação ambiental, preservação dos biomas e da biodiversidade, proteção das florestas e combate ao desmatamento. Todos esses aspectos estão diretamente relacionados ao espaço em que os seres humanos habitam.

Por fim, ao refletir sobre a ecologia da comunicação, é importante lembrar que esse paradigma se manifesta nas vozes das minorias e grupos excluídos, especialmente entre os povos originários da América Latina. Esses grupos se organizam em um modelo horizontal que integra aspectos ecológicos, tradicionais, sociais e comunicacionais.

2.3. Metodologia de pesquisa e coleta de dados

Essa pesquisa surgiu com o intuito verificar os impactos sociais da transição do rádio (amador e AM) para à internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá localizada no município de Manicoré, Estado do Amazonas. Contudo, para poder realizar essa análise, foi necessário seguir meus objetivos específicos propostos para chegar no

resultado esperado.

O estudo de campo começou quando viajei para a comunidade no dia 04 de setembro de 2023, com a intenção de realizar a coleta de dados para o estudo de caso. Inicialmente, a previsão era que eu ficasse até o dia 09 do mesmo mês, porém, devido à estiagem severa, a lancha que me levaria de volta a Manaus, capital do Estado, não conseguiu parar na comunidade. Esse imprevisto me fez estender a estadia até o dia 12, e, embora tenha sido um período desafiador, a experiência proporcionou uma bagagem de conhecimento inestimável, aprofundando meu entendimento sobre a cultura e os desafios locais, algo que jamais imaginei vivenciar apenas por meio dos jornais.

Escolhi a comunidade de São Pedro do Uruá devido ao meu primeiro contato com a região em 2013, quando participei de uma excursão escolar em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Fiquei encantada com as peculiaridades da região, um lugar que me intrigou pelo modo de vida tão diferente do que eu estava acostumada. Durante a visita, além de observar a rica cultura local, percebi a carência de políticas públicas, me intriguei também pela forma como o rádio era a principal fonte de informação para os moradores, em contraste com a ausência de seus direitos enquanto cidadãos.

Retornar em 2023, dez anos depois, permitiu observar as mudanças ocorridas, especialmente com a chegada da internet na comunidade no ano de 2018, e compreender de forma mais aprofundada os impactos dessa transição nas práticas comunicacionais da comunidade. Durante minha estadia, hospedei-me na casa de uma senhora que nasceu e cresceu na comunidade, o que me possibilitou uma imersão total na vida local.

A metodologia envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas, com um formulário apresentando 14 perguntas (Apêndice B), essas que, de acordo com Fraser e Gondim (2004), possibilitam manter um nível direcionado e ao mesmo tempo deixam o entrevistado livre para falar e expor seus pontos de vista e explicações.

Para isso, foram selecionadas 9 famílias, sendo 7 casas escolhidas aleatoriamente e 2 casas situadas em áreas mais distantes da comunidade, para garantir informações heterogêneas. Em cada família, foram entrevistadas pessoas acima de 16 anos, pois, segundo os moradores, essa é a idade em que os ribeirinhos começam a se envolver nos assuntos da comunidade e a desenvolver uma consciência da realidade local.

Para garantir que o público-alvo da entrevista fosse adequadamente identificado, optei por utilizar a observação participante para menores de 16 anos. Isso se deve ao fato de que o formulário (Apêndice A) de entrevista exigia um nível de maturidade e habilidades

interpretativas que as crianças ainda não haviam desenvolvido plenamente. Além disso, por serem menores, preferi não as expor diretamente à entrevista. Também compõem o *corpus* anotações detalhadas, fotos e vídeos para a análise de conteúdo da pesquisa, com foco sobre o fato de que o rádio ainda desempenha um papel relevante, mesmo com a recente chegada da internet.

Dos 12 entrevistados, 7 tinham o aparelho em casa, o que representa 58,33%. A maioria dessas pessoas são mais velhas. Minha intenção inicial era entrevistar 2 pessoas de cada uma das 9 famílias selecionadas¹⁹, mas consegui entrevistar 12 pessoas no total.

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo é essencialmente uma análise de significados, ou seja, uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo extraído das comunicações e suas interpretações. A coleta de dados para formação do *corpus* foi baseada em uma abordagem qualitativa, utilizei técnicas de observação participante (por meio de conversas e fotografias), pesquisas bibliográficas e análise documental. Registrei cada detalhe em um diário de campo, o que me permitiu uma interpretação mais subjetiva das informações obtidas.

As conversas informais e a convivência com os moradores também me ajudaram a captar nuances que complementam os dados mais estruturados. Para Câmara (2013, p. 181), embora na abordagem qualitativa os sujeitos também sejam identificados pelo pesquisador, “deve haver uma permissão declarada ou escrita do sujeito para que os dados sejam coletados e um ‘contrato’ entre entrevistado e pesquisador, de que a identidade do respondente não será revelada”.

Na análise de conteúdo, identifiquei como a chegada da internet moldou novas dinâmicas de participação e inclusão digital na comunidade, mas que ao mesmo tempo é como um gargalo para fiscalizar garimpeiros e desmatadores²⁰. A transição do rádio para a internet é um fenômeno que afeta diretamente o acesso à informação, com implicações sociais que vão além da comunicação. Essas mudanças refletem tanto oportunidades quanto desafios, e meu objetivo é demonstrar como essa transformação impacta a vida cotidiana dos ribeirinhos.

¹⁹ A seleção das nove famílias entrevistadas foi orientada pela moradora Marina Batista, nascida e criada na comunidade, que indicou os participantes com base em critérios previamente discutidos comigo. As famílias escolhidas tinham, em comum, acesso à internet em casa e experiência no uso de dispositivos móveis ou computadores, o que era relevante para os objetivos da pesquisa.

²⁰ Embora isso não seja central neste trabalho, sabe-se que a chegada da internet via Starlink colaborou para as atividades de garimpo ilegal e desmatamento na região amazônica (VALENTE, 2024).

Apesar do rádio ainda estar presente, a internet fica em primeiro lugar como veículo facilitador da comunicação e da informação, das 52 pessoas no total, das 9 famílias, 3 membros tinham celular.

Por outro lado, também apliquei uma abordagem sobre os meios de comunicação de massa, com ênfase em narrativas midiáticas e transmidiáticas jornalísticas, tecnologia, desenvolvimento e identidades culturais. Esse conjunto de análises resultou na identificação de fatores que determinam fenômenos comunicacionais específicos, suficientemente descritos e detalhados no contexto acadêmico, conforme a proposta metodológica descrita por Gil (2007).

O formulário de termos de imagem e falas foi feito por um advogado; as informações sobre dados calculados e uma análise detalhada sobre como a comunicação se posiciona no espaço da educação informal, observada nas dinâmicas sociais cotidianas, foram realizadas por mim. Foquei especialmente nas relações entre comunicação e educação, considerando não apenas a atuação da mídia, mas também a comunicação dialógica que surge em consequência dos movimentos populares e comunitários, objetivando atender aos interesses coletivos.

Apesar dos desafios físicos e de saúde que enfrentei durante a viagem, com um mal-estar causado pela seca, pelo calor extremo e pelas dificuldades de transporte, esses contratemplos reforçaram minha determinação de realizar um estudo profundo e abrangente. Para retornar à capital, precisei viajar até o município de Manicoré, outra etapa cansativa da jornada, mas que valeu cada esforço para a continuidade do trabalho.

De tal forma, acredito que essa pesquisa será uma importante contribuição para apresentar a essa e outras comunidades ribeirinhas que sempre terá alguém que, por mais que não possa ajudar diretamente em relação a seus direitos como cidadãos, vai lhes dar voz para que sejam ouvidos e vistos. Além de também colaborar com o campo da comunicação, destacando as particularidades da Amazônia e a importância da inclusão digital para as comunidades ribeirinhas. A análise dos dados qualitativos coletados permitirá uma reflexão sobre as relações entre tecnologia, cultura e lado social, fornecendo uma perspectiva incentivadora e sensível ao contexto amazônico.

IMPACTOS SOCIAIS DA TRANSIÇÃO COMUNICACIONAL NA COMUNIDADE DE SÃO PEDRO DO URUÁ

Esta parte é dedicada à análise dos impactos sociais da transição do rádio para a internet na comunidade. Explora como a introdução de computadores, celulares, internet e o letramento digital afetou o cotidiano da população de São Pedro do Uruá. Apresenta as mudanças comportamentais, crenças e a forma como a comunicação é estabelecida nesse novo cenário. Esta parte também aborda as implicações culturais, ambientais e sociais dessa transição comunicacional.

3.1 A expansão da internet no mundo

A Internet, atualmente, é uma referência por ser um dos melhores e mais baratos meios de comunicação, abrangendo milhares de computadores, linhas telefônicas, smartphones e tablets, pelos quais os indivíduos buscam obter qualquer tipo de informação. Esse marco faz parte da nossa rotina desde os anos 90, como uma rede global de computadores que conecta outras redes locais, regionais e internacionais.

Para muitos, a internet é apenas uma rede, já que, onde estivermos, podemos nos comunicar com qualquer outro computador. Portanto, essa rede marca o início do desenvolvimento tecnológico que faz da internet o que ela é hoje.

Em 1960, época da Guerra Fria, o Departamento de Defesa do governo estadunidense teve a iniciativa de criar uma rede experimental de supercomputadores, que ficou conhecida mundialmente por ARPANET, como resultado de um esforço do sistema de defesa dos EUA para dotar a comunidade acadêmica e militar de uma rede de comunicações que pudesse sobreviver a um ataque nuclear.

Pode-se dizer que a ARPANET, segundo Lins (2013), “foi o embrião de uma rede mundial, uma ‘rede de redes’, a Internet que hoje conhecemos.” O projeto militar se tornou operacional em 1975, para se desenvolver era preciso de um protocolo, o conjunto de regras e procedimentos para que a comunicação fosse feita de forma correta, abrangendo as possibilidade de interação entre máquinas ou redes distintas que desejassem se conectar, o protocolo era conhecido como TCP/IP.

Além de ser dividida em outras redes, substituída e desativada em 1989, da ARPANET, o que restou, além das tecnologias, foi o nome – internet – que passou a ser usada como denominação geral para todas as redes conectadas pelo protocolo

TCP/IP. Coffman (2002) reitera que a internet é a espinha dorsal de comunicação de longa distância e alta velocidade da rede e que nesse mesmo ano já tinha mais de cinco mil redes ligadas a si.

Contudo, no ano 1980, a internet ainda era usada apenas por militares e comunidade acadêmica, ou seja, não era permitida para uso com fins comerciais. Além disso, o acesso de recursos informacionais era livre para membros das universidades e isso tornou uma tradição que se relaciona às origens da internet.

À vista disso, cientistas de vários países passaram a se comunicar por meio de computadores das universidades. Uma curiosidade dos primeiros anos da internet era a criação de mapas de redes para que usuários pudessem acompanhar e identificar cada endereço de IP, isso tornava simples de saber qual o endereço eletrônico do servidor que queria acessar a rede.

Passaram-se alguns anos e a rede já se expandia além das fronteiras dos EUA, isso resultou, em 1987, em um aumento do número de computadores conectados com a liberação do uso comercial da internet nos EUA. Iniciando dois anos depois a criação da *World Wide Web*, um agrupamento para documentos multimídia. “A internet é uma rede de redes, da qual a *World Wide Web* é uma de suas redes constituintes” (SILVA JÚNIOR, 2000, p. 5).

Quanto ao Brasil, ocorreu o mesmo que no restante do mundo. Conforme Villas e Campos (1993), a utilização da internet também era restrita a fins acadêmicos, tanto que, em 1988, ano em que a internet chegou ao país, algumas universidades e instituições de pesquisa, como a Fapesp, o LNCC e a UFRJ, começaram a estabelecer conexões com redes internacionais. A Rede Nacional de Pesquisas (RNP) foi integrada a redes estaduais e custeada com recursos das fundações de amparo à pesquisa, essa rede executada pelo CNPq²¹ para apoiar e incentivar o uso acadêmico e social da internet.

Em 1994, começou a mudar a trajetória da internet, agora com a abertura para uso comercial. Ela deixa de ser apenas para uso exclusivo da comunidade acadêmica. A partir disso, além da Rede Nacional de Pesquisas, começaram a surgir outras redes de forma privada, entre elas a Telebrás por meio da EMBRATEL, que naquele ano já conectava cerca de 15 estados do Brasil (Cendon, 2000, p. 03).

Desde que a internet foi aberta ao público, em 1994, já se passaram 31 anos de avanços tecnológicos que transformaram o mundo. Hoje, vivemos conectados e com acesso a informações instantâneas de qualquer parte do mundo. No entanto, um dado me

²¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

chama a atenção e eu não poderia deixar de citar aqui: quase 6 milhões de lares brasileiros ainda não têm acesso à internet, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Uma exclusão que não afeta apenas quem mora nos grandes centros, essa exclusão digital é ainda mais cruel em comunidades isoladas, como as ribeirinhas, onde a falta de conectividade não só reforça barreiras sociais, mas também prejudica a luta por causas ambientais.

Como mencionado anteriormente, as comunidades representam uma função essencial na preservação de ecossistemas sensíveis, como a Amazônia. Assim, a ausência de conectividade dificulta o acesso a políticas públicas, ferramentas de preservação e oportunidades de monitoramento ambiental, enquanto grandes empresas e interesses exploratórios avançam com tecnologias de ponta.

3.2 Tecnologias e cidadania

Não foi uma decisão simples abordar a relação entre tecnologias e cidadania. Por isso, é importante contextualizar de forma objetiva o conceito de cidadania, a fim de evidenciar a conexão entre os dois temas.

A percepção sobre cidadania, desenvolvida por Rousseau no século XVIII, tem suas raízes na ideia grega de "polis" (cidade) e no termo "politikos", que se refere ao ser social. Nessa visão, a cidadania vai além dos direitos individuais, sendo entendida como um direito coletivo (Peruzzo, 1999). Portanto, a cidadania é bastante discutida na atualidade, mesmo que cercada de críticas direcionadas a ela, com exceção da crítica marxista, em que as reflexões sobre a cidadania não buscam rejeitar o conceito em si, mas aperfeiçoá-lo em sua aplicação prática. Morigi, Vanz e Galdino (2003, p. 72-73) reiteram que "[...] a cidadania não pode ser encarada apenas como um conjunto de direitos formais, mas como um modo de incorporação dos sujeitos e de grupos no cenário social."

Para além dessa visão, Kunsch (2007, p. 63) nos leva a refletir sobre a cidadania como um conceito que vai além de meros direitos legais. Ela envolve uma série de valores fundamentais, como a justiça, a inclusão social e o respeito mútuo entre os indivíduos. A cidadania, então, não se limita a um *status*, mas se relaciona com a qualidade de vida das pessoas e com a promoção de uma sociedade mais justa e digna.

No Brasil, a realidade social é marcada por uma divisão em grupos, onde certos segmentos da população, como negros, indígenas, pessoas LGBTQIA+, minorias étnicas

e ribeirinhos, enfrentam exclusão. Embora todos tenham direitos iguais garantidos pela cidadania, na prática muitos ainda são privados de acesso a esses direitos e oportunidades.

Dessa forma, autores como Castro (2012) e Souza (2003) enfatizam a importância de se compreender o conceito de cidadania à luz das dinâmicas sociais contemporâneas. Assim, ela se torna um conceito mais inclusivo e representativo, capaz de abarcar as diversas experiências e desafios enfrentados por diferentes segmentos da população, que muitas vezes não refletem a complexidade e as particularidades de diversas comunidades.

Paiva (2003) destaca que, ao examinar a realidade de diferentes grupos, percebe-se que esses coletivos começam a criar seus próprios modelos de comunicação, utilizando tecnologias para encontrar formas de serem ouvidos. A expansão das formas de comunicação digital transformou profundamente as interações humanas. Hoje, as pessoas podem se manter conectadas a qualquer momento, independentemente da distância, possibilitando a troca instantânea de informações. Esse avanço oferece a oportunidade de dialogar, compartilhar ideias e colaborar com qualquer indivíduo, em qualquer lugar do mundo, promovendo uma rede de comunicação contínua e acessível.

Essa mudança é essencial, pois a conexão entre cidadania e tecnologias requer uma compreensão que vai além das abordagens tradicionais de mídia. Quando a comunicação se relaciona com a cidadania, ela resgata seu objetivo primordial: a promoção do bem comum. Essa dinâmica permite que vozes antes silenciadas se tornem visíveis, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Tecnologias e cidadania são conceitos interligados, em que o desenvolvimento de um fortalece o outro. Podemos dizer que o bom uso das tecnologias deve ser entendido como protagonismo e o exercício da cidadania. Segundo Duarte (2009), a comunicação deve ser ampla o suficiente para permitir que os cidadãos se expressem como indivíduos críticos e autônomos.

O poder, antes concentrado, é gradualmente transferido para o indivíduo, à medida que a conectividade coloca o espaço e o tempo ao alcance de todos. Esse cenário aponta para a construção de novas formas de organização da vida democrática, onde a participação em comunidade se fortalece por meio das tecnologias digitais.

A cidadania ativa resulta do aprendizado e da construção coletiva de saberes, buscando superar a exclusão e a opressão. Além disso, ela se empenha em encontrar modelos próprios de organização comunitária. Nesse contexto, a internet se torna uma ferramenta essencial para promover uma sociedade mais participativa, onde todos têm a chance de se expressar, colaborar e ser ouvidos.

3.3 A era digital: os efeitos da internet em São Pedro do Uruá

Internet via satélite, cabos de fibra óptica ou rede de rádio? Quando pisei pela primeira vez nesta comunidade, nenhuma dessas alternativas existia. Havia apenas um telefone público móvel, implantado pela empresa Oi, por meio da prefeitura de Manicoré, que instalou uma torre com o objetivo de ampliar a comunicação na comunidade. Assim, se alguém quisesse conversar com um familiar, era preciso agendar para fazer a ligação.

Eu tinha apenas 15 anos quando me deparei com essa realidade. Pertencente a uma geração que já nasceu na 'era Bill Gates', estava naquela comunidade para uma experiência escolar, até que me peguei refletindo: *'Como seria se houvesse internet aqui?'* Anos mais tarde, compreendi que isso traria tanto ônus quanto bônus.

Pois bem, nem tudo que parece simples realmente é, foi preciso chegar a um momento da vida para perceber que a alternativa mais eficaz e inteligente para levar conectividade digital aos povos tradicionais e às regiões afastadas do Amazonas seria a combinação de todas essas tecnologias: internet via satélite, cabos de fibra óptica ou especialmente rede de rádio.

Em 2019, participei do I Seminário sobre Conectividade Digital em Áreas Remotas da Amazônia, realizado pela Fundação Amazonas Sustentável (FAS). Durante o evento, pude ouvir uma fala do engenheiro e professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Ademir Lourenço (2019), que ressaltou: "o déficit de conectividade digital na Amazônia é quase total. É uma região diferente do resto do Brasil, e as dificuldades são imensas".

Essa é a realidade no estado do Amazonas, onde os povos tradicionais são os que mais sofrem com a dificuldade de conexão. Nem todos têm acesso à internet e, quando têm, ela é instável e de baixa qualidade. Para Lourenço (2019), "o satélite, em conjunto com uma rede de rádio, seria a solução imediata".

Foi exatamente isso que ocorreu um ano antes, em São Pedro do Uruá. A chegada da internet, em agosto de 2018, de acordo com os moradores, foi um verdadeiro divisor de águas para a comunidade. No início, a conectividade era mais restrita, com apenas uma casa utilizando internet por meio de sistemas de rádio. Essa casa, onde moravam um casal de idosos e o filho mais novo, Matheus Chaves, que tinha 27 anos na época. Ele e o irmão, que vive em Manaus, foram os responsáveis pela ideia de trazer internet para a comunidade. Eles cobravam dos demais moradores R\$5 por uma hora de uso, já que a taxa para manter o serviço era muito cara, diferente dos valores praticados nas capitais.

Quando a internet chegou à comunidade, não foi apenas a conexão que precisou

ser estabelecida, o letramento digital também se tornou um desafio. Nem mesmo os mais jovens sabiam usar um smartphone ou navegar na internet. Para muitos, o mundo online parecia algo distante. Conforme a ideia dos autores Brandão et al (2005, p. 33) o letramento digital é: “[...] a capacidade para construir sentido, localizar, filtrar e avaliar a informação eletrônica”. Ou seja, para ter acesso a internet, é necessário compreendê-la para usar de forma responsável e crítica.

Aos poucos, foram comprando seus próprios smartphones e aprendendo a usar a internet com Matheus, que já havia morado em Manaus para fazer faculdade de agronomia. Ele sabia mexer com computadores melhor do que muitos e se tornou um verdadeiro mentor para os jovens e adultos da comunidade. O letramento digital se tornou uma ferramenta transformadora, permitindo que os moradores acessassem informações importantes, melhorassem suas oportunidades de trabalho e se conectassem com o mundo de uma forma que antes parecia distante.

E como Chauí (2014) conceitua, “hoje o paradigma do conhecimento é a informação”.

Nem os mais jovens sabiam como usar um celular para acessar a internet, muito menos os mais velhos. Ensinei desde o básico, como segurar o celular, digitar uma mensagem, procurar algo no Google. No início, tinham medo de errar, mas logo foram pegando o jeito. Hoje, vejo eles fazendo videochamadas, pesquisando informações e até vendendo produtos online como banana, mandioca ou frutas no Facebook.²²

São Pedro do Uruá, como citado no início, é uma comunidade do município de Manicoré, essa internet que eles usavam nesse início vinha via satélite, que provém internet, e a rede de rádio a distribui dando conectividade digital para as comunidades. Funciona desta forma: uma conexão feita por meio de torres que enviam o sinal para as antenas instaladas nas casas situadas na comunidade, ao receber o sinal pela antena, um cabo é conectado até o modem.

Contudo, os municípios mais próximos da capital amazonense são os que possuem internet estável, um exemplo disso são as cidades de Coari e Tefé, pois ambas possuem internet via fibra óptica. Essa tecnologia é pelo Projeto Amazônia Conectada, dos governos federal e estadual, segundo Lourenço (2019), ela foi vista como uma alternativa de longo prazo.

²² Matheus Chaves Batista. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023. Em Apêndices.



Fotografia 15 – A primeira antena para receber internet

Foto da autora: Jackeline Brazão (2023)

Mas surge um questionamento: por que não uma internet via fibra óptica na comunidade de São Pedro do Uruá? A resposta, nesse caso, pode ser simples, mas profunda: a Amazônia é desafiadora pela sua própria geografia. Conforme a Universalização e Ampliação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a infraestrutura das telecomunicações ainda precisa de um aporte maior de recursos, as barreiras naturais da Amazônia impõem muitos fatores, como a densa floresta, os extensos rios e a difícil logística de acesso, dificultando a instalação e a manutenção de equipamentos.

Além disso, a dispersão populacional e a ausência de estradas em diversas localidades tornam o custo operacional elevado, desestimulando investimentos privados e limitando a oferta de serviços de qualidade. Segundo uma entrevista citada pelo Portal G1, o gerente de Universalização e Ampliação da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), Eduardo Jacomassi, destaca que:

Muitos municípios onde a fibra óptica ainda não chegou sofrem para garantir uma internet de qualidade, o serviço móvel tem cobertura muito baixa e, às vezes, a população entende como uma falha de qualidade, mas por vezes é por causa da quantidade de torres na infraestrutura é que abaixa. Portal G1 (2019).

Esses desafios estruturais também se refletiam na realidade da comunidade de São Pedro do Uruá, com internet via rádio, o que representou um primeiro passo significativo em direção à conectividade. Entretanto, as limitações dessa tecnologia, como instabilidades no sinal e baixa velocidade, ainda restringiam o pleno acesso à comunicação e à informação. Foi relatado que muitas vezes a comunidade ficou sem acesso à Internet devido à falta de energia elétrica ou outras situações, sem que os responsáveis resolvessem o problema rapidamente.

Após quatro anos utilizando esse meio, o cenário começou a mudar no final de 2022 com a chegada da internet via satélite da Starlink, após a aprovação da Anatel. Esse novo episódio da geopolítica da comunicação possibilitou que muitas famílias da comunidade finalmente pudessem se conectar de forma mais estável e veloz, já que começaram a instalar o serviço em suas próprias casas, não dependendo mais da internet de uma única residência da comunidade.

Por outro lado, vale destacar que nem todos os membros que vivem na comunidade possuem a Starlink, uma vez que o valor de custo da internet é mais caro que as demais operadoras, ainda mais para uma região mais afastada. De acordo com informações disponibilizadas pela Starlink (2022), a empresa oferece internet via satélite de alta velocidade, com cobertura voltada principalmente para áreas remotas e de difícil acesso. Os valores iniciais para residências são de R\$184 mais o custo do equipamento, com custo inicial de R\$2.000.

Essa nova fase facilitou o acesso a notícias e a conteúdos digitais, abriu portas para serviços antes praticamente inacessíveis, como o ensino remoto e as consultas médicas a distância, contribuindo para a inserção dessas populações no ambiente digital, já que aos poucos estavam participando ativamente da sociedade digital. É quase impossível não notar a paixão dos ribeirinhos pelos telefones celulares, pois eles passam horas do dia utilizando os aparelhos, seja para se comunicar com outras pessoas por meio de ligações ou mensagens de texto, seja para fazer pesquisas escolares.

Dona Fátima Chaves, a mãe do Matheus, recorda que antes da chegada da internet, a comunicação com familiares e amigos distantes era lenta e incerta, muitas vezes dependendo de recados enviados por barqueiros ou radioamadores. *“Agora, com a internet, nós consegue mandar mensagem na hora, fazer chamada de vídeo com os filhos que estão longe e até acompanhar as notícias. Tudo ficou mais rápido e fácil”*,²³ conta Dona Fátima,

²³Fátima Chaves. Entrevista realizada no dia 06 de setembro de 2023. Em Apêndice

65 anos, aposentada.

Para Recuero (2009), incluir o meio digital para os povos ribeirinhos teve como objetivo oferecer acesso ao conhecimento da informática e da internet em si. Esse processo tem como objetivo transmitir informações de maneira mais rápida e interativa, por meio da conexão entre pessoas, e assim, permitir uma quebra de distância geográfica.

Além disso, a internet trouxe novas maneiras de as pessoas se envolverem e participarem da vida comunitária. Agora, os moradores podem se organizar, compartilhar ideias e discutir problemas locais por meio de redes sociais e grupos. A transição do rádio para a internet não foi apenas uma mudança tecnológica, foi uma oportunidade para mostrar como a tecnologia pode realmente fazer a diferença na vida das pessoas.

Por meio da observação participante foi possível identificar essa diferença que a transição trouxe para a comunidade, abrangendo saúde, educação, empreendedorismo, comunicação, lazer e cultura, e a conservação ambiental.

Os resultados foram estes, conforme as entrevistas feitas com moradoras/es da comunidade:

Na saúde: São Pedro do Uruá é marcada por desafios geográficos, incluindo cheia e a seca extremas do Rio Madeira. Esses fatores dificultam o acesso aos serviços de saúde, e muitos moradores precisam viajar até outra comunidade ou, em casos mais graves, enfrentar até três dias de barco até Manaus para receber atendimento médico. Andreлина Batista, de 72 anos, relata que o deslocamento, além de demorado, coloca em risco a vida de quem precisava de atendimento urgente, já que não tem pronto atendimento de acesso rápido.

Com a internet, a realidade mudou, pois agora os membros da comunidade podem chamar ou ligar para uma ambulância que é mais rápida que um barco, por exemplo. Uma vez que até mesmo o rádio amador nem sempre funcionava e nem sempre a conexão era boa. Atualmente, a comunidade pode contar com a telemedicina, permitindo consultas online, orientações médicas e mesmo com um técnico de enfermagem mais próximo da comunidade em tempo real, e acesso rápido a informações sobre prevenção de doenças. Isso agiliza o atendimento e fortalece o trabalho dos agentes comunitários de saúde.

Na educação: o que me chamou atenção aqui é que, na parte da educação, a internet contribui muito, especialmente para os alunos do Ensino Médio, que estudam à noite e dependem das aulas online, ao vivo ou gravadas, ministradas por professores do município de Manicoré. Já os alunos do Ensino Fundamental têm aulas presenciais, com professores que moram na própria comunidade. Nesse contexto, a internet também serve como um importante suporte para essas educadoras, permitindo que elas se atualizem,

façam cursos de aprimoramento e tenham acesso a novos métodos pedagógicos.

Para chegar nessa conclusão entrevistei o professor do município, Marcos Mar, e a aluna do 2º ano do Ensino Médio, Clara Mar. O professor Marcos me citou que a internet foi simplesmente uma pequena vitória para educação e ao mesmo tempo trouxe uma desvantagem.

É um sentimento de alegria e tristeza, né. Antes, as pessoas liam mais livro, hoje é raro ver algum aluno meu do ensino médio pegar o livro, tudo é pesquisado na internet. Por outro lado, ela abriu portas para que eles tivessem acesso a conteúdo que antes não chegavam até aqui. Hoje, posso dizer que abriu meu leque de informações também, compartilhar coisas com meus colegas de trabalho, lançar notas de forma online, o que até um tempo desse, eu usava papel e caneta e eu sei que há muito tempo, professores das cidades grandes usam portais para lançar notas dos alunos. Marcos Mar²⁴ - 38 anos, professor de ciências.

Clara Mar²⁵, de 16 anos, aluna do ensino médio, conta como a internet transformou sua perspectiva de futuro.

Foi pela internet que descobri a faculdade que quero fazer. Antes, eu nem sabia direito quais cursos existiam, agora já pesquiso sobre as provas, como funciona o vestibular, mesmo que os professores expliquem, eu quero estudar na faculdade federal de Rondônia, penso em morar lá, porque Manaus não tenho interesse.

Apesar do avanço, ela destaca que nem todos os colegas têm acesso à tecnologia, mostrando que, por mais que o letramento digital tenha sido superado, muitos nunca tiveram acesso a um computador, podem saber mexer no celular, mas no computador é difícil, até porque as aulas online são em uma tela grande de televisão. “Sou uma das poucas que têm celular na sala, então, muitas vezes, acabo emprestando para quem precisa assistir a uma aula online ou buscar alguma informação de trabalho da escola.”

Ademais, a internet não se limitava apenas nesses pontos e, como diz Martini (2005, p. 2), a inclusão digital “objetiva o uso livre da tecnologia da informação e da comunicação, com a ampliação da cidadania, o combate à pobreza, a inserção na sociedade da informação e o fortalecimento do desenvolvimento local”. Logo, para o ribeirinho, a inclusão digital significa fazer uso da tecnologia para seu próprio benefício, como o **empreendedorismo**.

A internet abriu novas possibilidades, permitindo a venda de produtos agrícolas e da agricultura familiar cultivada de maneira sustentável, conectando-os a clientes fora da comunidade. Além de ter melhorado a **comunicação**, que antes dependia de radioamadores ou recados enviados por barqueiros. Agora, com a internet, mensagens são trocadas em tempo real.

²⁴ Marcos Mar. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023. Em Apêndices.

²⁵ Clara Mar. Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023. Em Apêndices.

Lazer e cultura: a internet trouxe novas formas de entretenimento para a comunidade. Os jovens assistem a vídeos, ouvem músicas e acessam as redes sociais, que têm uma forte influência entre eles, especialmente o Instagram e o TikTok. Recuero (2011) cita que a comunicação digital ampliou a capacidade de conexão, permitindo que redes sociais fossem criadas e expressas nesses espaços. Quanto aos mais velhos, utilizam mais para conversar com familiares, raramente em redes sociais, pois usam a internet para vender produtos agrícolas e até mesmo para pesquisas sobre política, saúde, novelas e portais de notícias.

A Amazônia é um território constantemente afetado por crises ambientais, que impactam diretamente as populações que a cercam. Na Amazônia brasileira, especificamente, essas consequências são sentidas de maneira ainda mais intensa.

Durante minha pesquisa de campo em 2023, em São Pedro do Uruá, presenciei o ambiente insalubre causado pelas queimadas, acordando sufocada pela fumaça que predominava sobre a comunidade. Além das queimadas, a região sofre com outras questões ambientais, como desmatamento e o garimpo ilegal, sendo esse último responsável por contaminar as águas, o solo e o ar com mercúrio, afetando a saúde de todos nós, em especial povos indígenas e ribeirinhos.

Essas situações refletem o que Gudynas (2018) chama de ‘efeitos derrame’:

Que vão além dos danos visíveis, como a contaminação e o desmatamento causados pela extração de recursos naturais. Eles envolvem consequências mais amplas, como a flexibilização das leis ambientais, a violação de direitos e a dependência econômica das comunidades. Ou seja, mesmo que um impacto comece em um ponto específico, ele acaba se espalhando, afetando o território e as pessoas de maneiras duradouras e muitas vezes invisíveis à primeira vista.

Dentro desse cenário, a internet exerceu uma função importante na reeducação **ambiental** da comunidade. Por meio da conectividade, cinco membros de São Pedro do Uruá puderam ter orientações ambientais sobre certas ações de conservação junto a uma ONG muito conhecida no Estado do Amazonas, a Fundação Amazônia Sustentável (FAS). Por meio desse contato, eles puderam exercer a consciência coletiva sobre a defesa do território e criar um projeto sobre “Lixo Zero no Marait” para justamente não terem que queimar o lixo e trazer mais impacto negativo para o ambiente onde vivem, mas poucos colaboram com essa iniciativa.

E como cita Araim²⁶: *“por mais que a gente tenha nascido ao meio da natureza, tem coisas que quando se trata de proteger ela a gente precisa buscar ajuda para compreender*

²⁶ Araim, entrevista já citada. Em Apêndices.

o meio que a gente vive, se a gente não cuida, quem vai cuidar? E esse cuidar é para os nossos netos, né”.

Conectar quem está nas margens não significa apenas abrir portas para educação e trabalho, mas fortalecer aqueles que têm contato direto com essa biodiversidade, mostrar para o mundo externo que o cuidado tem que começar por nós mesmos. E a internet de alguma forma contribuiu com isso, não é apenas uma questão de inclusão digital, mas, de certa maneira, de sobrevivência ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidir pesquisar o tema da transição do rádio para a internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá, parti do pressuposto de que vivemos em um mundo onde as fronteiras entre o físico e o virtual estão cada vez mais tênues.

A modernização tecnológica avança rapidamente, mas seu impacto em regiões isoladas, como as comunidades ribeirinhas da Amazônia, é um fenômeno que merece ser investigado com profundidade. E a minha pesquisa aqui desenvolvida buscou compreender os efeitos sociais dessa transição, analisando como a chegada da internet afetou a comunicação local sem apagar a importância histórica e cultural do rádio.

Com isso, os resultados obtidos revelaram um cenário comunicacional híbrido, onde o rádio e a internet coexistem, cada qual exercendo papéis distintos, mas complementares. As entrevistas semiestruturadas apontaram que, embora a internet tenha ampliado o acesso à informação e facilitado a comunicação em tempo real, o rádio permanece fundamental para a disseminação de notícias locais, alertas climáticos e coordenação de atividades comunitárias. O rádio, longe de ser atrasado, mantém-se como um símbolo de pertencimento e resistência cultural, especialmente diante das oscilações de sinal da internet, um problema recorrente na região.

Por outro lado, a pesquisa evidenciou uma mudança significativa nas formas de sociabilidade, com a internet permitindo que os moradores estabeleçam contatos com familiares distantes e acessem informações que antes pareciam inalcançáveis. Contudo, essa modernização trouxe consigo novas formas de repensar a questão do acesso ao meio digital. Pois nem todos possuem dispositivos ou habilidades para utilizar as ferramentas online, criando uma divisão entre aqueles que conseguem navegar pelas plataformas online e os que ainda dependem exclusivamente dos meios tradicionais de comunicação.

Essa desigualdade reflete a necessidade de políticas públicas que promovam a inclusão digital nas comunidades ribeirinhas, pois pude perceber que nem mesmo os mais novos sequer tiveram acesso a computadores nas escolas, diferente do que ocorre nos municípios, onde o governo disponibiliza equipamentos para as escolas públicas.

A análise de conteúdo, baseada em Bardin (2011), com organização do conteúdo observado – desde meu olhar sobre o meio ambiente e a história do território em estudo e a observação do dia a dia de seus habitantes, até a consideração da visão dos próprios ribeirinhos sobre novas tecnologias comunicativas através das entrevistas semiestruturadas – permitiu compreender que a comunicação em São Pedro do Uruá está profundamente conectada ao ambiente natural. A observação participante revelou que o

ritmo dos rios, a leitura do clima e os sinais da floresta continuam a influenciar a organização social e as práticas comunicativas da população. Mesmo com a chegada da internet, a natureza mantém sua missão como guia para a vida comunitária, reforçando que a modernização tecnológica não rompeu os laços entre os moradores e seu território.

Outro aspecto relevante identificado foi a interação geracional em torno da tecnologia. Os jovens, mais familiarizados com a internet, atuam como mediadores digitais, auxiliando os mais velhos no uso de smartphones e redes sociais. Ao mesmo tempo, essa troca fortalece a transmissão de saberes tradicionais, criando um ciclo de aprendizado mútuo em que a inovação tecnológica caminha lado a lado com a preservação cultural.

Os impactos da internet também se estenderam às áreas da educação, saúde e cultura. Professores passaram a utilizar a rede para acessar materiais pedagógicos e participar de formações online, enquanto a comunicação digital facilitou o contato com profissionais de saúde em casos de emergência, especialmente durante a estiagem de 2023. Culturalmente, a internet permitiu que a comunidade se comunicasse mais facilmente com parentes e amigos distantes e compartilhasse aspectos de sua identidade ribeirinha nas redes sociais, ampliando sua visibilidade e reforçando seu sentimento de pertencimento.

Em síntese, os resultados da pesquisa demonstraram que a transição do rádio para a internet em São Pedro do Uruá não foi uma ruptura, mas um processo de adaptação. Assim como nas décadas passadas, quando o acesso à internet era restrito a militares e universidades, a comunidade aprendeu a integrar a tecnologia de forma gradual, sem abandonar suas raízes. O rádio foi ressignificado e a internet passou a ser uma aliada nas demandas sociais e culturais de comunicação, num território de características ecológicas bem próprias.

Uma máxima da ecologia da comunicação é que a comunicação cria a comunidade. E, embora já tenha sido possível perceber alguns elementos da transição do rádio à internet entre os ribeirinhos observados, os impactos mais profundos da comunicação eletrônica na comunidade e no meio ambiente serão sentidos em longo prazo.

Diante disso, reforço aqui a necessidade de políticas públicas que incentivem a inclusão digital voltada à preservação ambiental e da comunicação comunitária, garantindo que as comunidades ribeirinhas possam usufruir das tecnologias sem perder sua identidade cultural e a maestria sobre seu território. Para pesquisas futuras, sugiro a investigação de como a alfabetização digital pode ser promovida nesses territórios, bem como um aprofundamento sobre o impacto das redes sociais na organização política e social de comunidades amazônicas.

De todo o modo, espero que este estudo contribua não apenas para o campo acadêmico, mas que sirva de subsídio para a construção de iniciativas que fortaleçam a conexão entre tecnologia, ecologia, comunicação, cultura e cidadania na Amazônia.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ANGRA, Klondy L. O. **Águas da Amazônia: sentidos, percepções e representações**. Curitiba, Tese (Doutorado em Geografia) -Universidade Federal do Paraná, 2015.

BARBERO, Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Marco Antônio ET AL. **Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/R75CxrQRQsGM8fyGCwgjZKD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 jan. de 2025.

BRITO, Rosa M. de. **O Homem Amazônico em Álvaro Maia**. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2001.

CÂMARA, Rosana. **Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações**. Gerais, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2013: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 28 de dez. 2024.

CASTRO, Carlos Roberto Siqueira. **A constituição aberta e os direitos fundamentais: ensaios sobre o constitucionalismo pós-moderno e comunitário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá**. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CENDON, Beatriz Valadares. **A internet**. Universidade Federal de Minas Gerais. Janeiro de 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259082844_A_INTERNET. Acesso em: 10 de jan. 2025.

COLLI-SILVA, M., Richardson, JE, Neves, EG et al. **A domesticação da árvore frutífera amazônica cupuaçu pode ter se estendido ao longo dos últimos 8.000 anos**. *Commun Earth Environ* 4, 401 (2023). Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s43247-023-01066-z>>. Acesso em: 04 de fev.2024.

CONTRERA, Malena Segura. **Publicidade e Mito**. In: CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo Takooki. *Publicidade e Cia*. Editora Thompson, 2003.

COFFMAN, K. G. e ODLYZKO, A. M (2002). **“Internet Growth: is there a Moore’s Law for data traffic?”**. In: ABELLO, J. et al. (orgs.) *Handbook of Massive Data Sets*, pp. 47-93. Norwell: Kluwer.

CRUZ, Valter do C. **Rio como Espaço de Referência Identitária na Amazônia: Considerações sobre a Identidade Ribeirinha**. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, RJ. 2011.

ESCOBAR, Arturo. **Lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós desenvolvimento**. In: LANDER, Edgardo (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 63- 79.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL (FAS). **Conectividade digital em comunidades ribeirinhas remotas no interior do estado do Amazonas** [livro eletrônico]. Manaus, AM: Fundação Amazonas Sustentável, 2021. Disponível em: < <https://fas-amazonia.org/publicacao/conectividade-digital-em-comunidades-ribeirinhas-remotas-no-interior-do-estado-do-amazonas/>>. Acesso em 18 de jan. 2024.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Ribeirão Preto, Ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?lang=pt>. Acesso em 18 de jan. 2024.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UAB/ Ed. da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GUDYNAS, Eduardo. **O novo extrativismo progressista na América do Sul: teses sobre um velho problema sob novas expressões**. Rio de Janeiro: Garamond, IRD, 2012b. p. 303-318.

G1. **Seminário debate soluções para internet em regiões remotas da Amazônia**. G1 Amazonas, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/06/13/seminario-debate-solucoes-para-internet-em-regioes-remotas-da-amazonia.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2025.

HALBWACH. **A memória coletiva**: Centauro, São Paulo, 2006.

KUNSCH, Margarida M. krohling. **Sociedade civil, multidadania e comunicação social**. In: KUNSCH, Margarida M. krohling.; KUNSCH.; Waldemar Luiz. (Orgs.). Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora. São Paulo: Summus, 2007.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. **A evolução da Internet: uma perspectiva histórica**. Cadernos Aslegis, Brasília, n. 48, p. 11-46, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/items/c1b351d3-b791-43e4-968d-913ffde42d91>. Acesso 10 de jan. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Meditação devaneante entre o rio e a floresta**, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/3924>>. Acesso em 18 de jan. de 2024.

MACAS, Luis. (2005). **La necesidad política de una reconstrucción epistémica de los saberes ancestrales**, in P. Dávalos (coord.), Pueblos indígenas, estado y democracia Buenos Aires, CLACSO.

MAFRA, E.; ARAÚJO, R. A.; MOURA, M.M. **O Rádio no país das Amazonas em tempos de internet**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional), 2011, Pernambuco. Anais...Pernambuco, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2572-1.pdf>>. Acesso em: 12 de dez. 2024.

MARTINI, R. **Inclusão digital & inclusão social**. Revista Inclusão Social. Brasília: IBICT, v. 1, n. 1, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **A Rádio na Era da Informação**. Coimbra: Minerva, 1999.

MIRANDA, Orlando. **A Era do Rádio**. In: Nosso Século. Abril Cultural, nº 17, s/d.

MONTEIRO, Gilson Vieira. **Ecosistemas comunicacionais amazônicos**. In: MONTEIRO, Gilson Vieira; Abbud, Maria Emília de Oliveira; PEREIRA, Mirna Feitoza. (Orgs). **Estudos e Perspectivas dos Ecosistemas na Comunicação**. Manaus: Edua, 2011.

MORIGI, Valdi José; VANZ, Samile Andréa de Souza; GALDINO, Karina. **Cidadania, novos tempos, novas aprendizagens: novos profissionais**. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Vol. 9, n.1 (jan./jun. 2003)

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia: o conceito e a paisagem**. In: CHAVES, Maria Anunciada (Org.). Obras reunidas de Eidorfe Moreira. Belém: Conselho Estadual de Cultura; Seduc; Cejup, 1989.

MORÁN, Emilio F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. São Paulo: Vozes, 1990. (Coleção Ecologia & Ecosofia).

NERI, Marcelo Côrtes (coord.). **Mapa da inclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003, p.6. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/bf_ban cos/e0002091.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/bf_ban_cos/e0002091.pdf)>. Acesso em 14 de ago. 2023.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Artigo apresentado no V Simpósio em Comunicação do Centro-Oeste, da Faculdade de Educação da UFG, Goiânia: 20 de maio de 1999.

REIS, Arthur César Ferreira. **O seringal e o seringueiro Manaus**: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

RAMPAZO, Adriana Vinholi; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. **Identidades naufragadas: o impacto das organizações na (re)construção do universo simbólico dos ribeirinhos**

de Salto Santiago. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 104-127, Mar. 2013.

RIBEIRO, Adilton Pereira. **Do Rio à Cidade: A (Re)Produção de uma Identidade Territorial Ribeirinha no Bairro do Jurunas**, em Belém-Pa. In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém, Pa, 21 a 25 de maio de 2007

ROMANO, Vicente. **Ecologia de la comunicación.** Hondarribia: Argilatexte Hiru, 2004.

SILVA JÚNIOR, José Afonso da. **Dejà-vu onipresente: repetição, previsibilidade e homogeneidade nas agências de notícias on-line brasileiras.** Disponível em <https://www.arquivo.bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-deja-vu.pdf>. Acesso em 29 de julho de 2023.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI/** Marcio Souza. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica.** Belo Horizonte: Editorafg: Rio de Janeiro, IUPERJ, 2003.

STARLINK. **Internet residencial via satélite.** Disponível em: <https://www.starlink.com/br/residencial>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil.** 2ªed. Ed. Harbra, 1999.

VALENTE, Rubens. **Elon Musk: governo apreende 50 antenas Starlink em garimpos ilegais na terra Yanomami.** Agência Pública, 04 jul. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/07/elon-musk-governo-apreende-50-antenas-starlink-em-garimpos-ilegais-na-terra-yanomami/>

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Ribeirinhos da Amazônia: identidade e magia na floresta.** Revista de cultura vozes. Petrópolis, v. 90, n.2, ano 90, p. 47-65, mar.- abr./1996^a.

VILLAS, Marcos Vianna; CAMPOS, Ricardo Dias. **A Internet no Brasil: histórico, descrição e orientação para utilização.** In: LAQUAY, Tracy, RYER, Jeanne C. O Manual da Internet: um guia introdutório para acesso às redes globais. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

WAGLEY, Charles Walter. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos.** Tradução: Clotilde da Silva Costa. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre

Termo de Consentimento Livre

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar do Projeto de Pesquisa “A transição do rádio à internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá em Manicoré – Amazonas” da pesquisadora Jackeline Brazão Campos.

A pesquisa tem como objetivo investigar os impactos sociais da transição do rádio para a internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá, localizada no município de Manicoré, Amazonas. Partimos da compreensão de que essa transição tecnológica afeta as dinâmicas comunicacionais locais, influenciando aspectos como o acesso à informação, a participação social e as práticas culturais dos moradores. A inclusão dos meios digitais trouxe novas possibilidades, mas também desafios, especialmente em regiões onde a conectividade é limitada. Assim, a pesquisa pretende compreender como o rádio e a internet coexistem no cotidiano da comunidade, bem como as implicações sociais dessa mudança.

Serão incluídos no estudo moradores da comunidade de São Pedro do Uruá, que participarão por meio de entrevistas semiestruturadas, observações participantes, registros fotográficos, conversas informais e análise documental. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e ficarão disponíveis na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

A pesquisa não provocará risco, prejuízo ou desconforto ao público-alvo. Caso ocorra qualquer imprevisto, as medidas necessárias serão tomadas para minimizar o impacto. A participação é voluntária e, em caso de recusa, o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de nenhuma forma. O participante também poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer ônus.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Jackeline Brazão pelo telefone (92) 99497-2200, e-mail: jackelinebrandao11@gmail.com ou pelo endereço: Av. Tancredo Neves, 6731 - Conj. C, Foz do Iguazu - PR, 85867-318 — Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL). Também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (UNILA) pelo telefone (45) 3522-9820, e-mail: secretaria.ppgical@unila.edu.br.

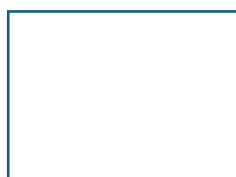
Fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia desse documento, assinada, que vou guardar.

_____/_____/2023

Assinatura do participante

ou

impressão do dedo polegar caso não saiba assinar



Pesquisadora Responsável:

Apêndice B – Perguntas elaboradas para as entrevistas

CATEGORIA	PERGUNTAS
Apresentação	<ul style="list-style-type: none"> • Qual seu nome, com o que você trabalha/estuda, sua idade? • Mora em São Pedro do Uruá a quanto tempo? • Como você costuma se informar sobre o que acontece na comunidade e fora dela?
Em relação a rádio	<ul style="list-style-type: none"> • Qual é a importância do rádio para você e sua família? • Você utiliza o rádio nos dias atuais?
Sobre a chegada da internet	<ul style="list-style-type: none"> • Quando a internet chegou à comunidade, como isso afetou sua rotina? • Como foi a questão do uso de smartphones? • Quais foram as maiores dificuldades que você percebeu depois da chegada da internet? • Você utiliza redes sociais ou aplicativos de mensagens? Para quê? • Depois da chegada da internet, você deixou de usar o rádio ou ainda o utiliza? Por quê? • Quais informações você consegue encontrar pelo rádio e quais você busca pela internet • A internet mudou algo na sua forma de estudar, ensinar ou aprender? • Como você ou sua família usam a internet quando precisam de atendimento médico ou para resolver problemas de saúde? • A internet influenciou de alguma forma nas festas, tradições ou rituais da comunidade?

	<ul style="list-style-type: none"> • Você acha que todos aqui na comunidade conseguem acessar a internet facilmente? Por quê?
--	--

Apêndice C – Entrevistas e Fontes orais

As entrevistas foram gravadas e estão disponíveis para consulta. Foram transcritos os trechos utilizados ao longo dessa dissertação. Abaixo, listagem de todas as entrevistas realizadas e resumo de seu conteúdo principal.

Data da entrevista e gravador do celular	Nome da entrevistada e função
Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023	Clara Mar. Nascida em Manicoré, mas vive em São Pedro do Uruá, tinha 16 anos na época da entrevista, era aluna do 2º ano do ensino médio da única escola municipal da comunidade, ela destacou como a internet transformou sua perspectiva de futuro, permitindo-lhe pesquisar cursos universitários e informações sobre vestibulares.
Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023	Marcos Mar. Professor de ciências, 38 anos, tio da Clara (citada acima), ele leciona no ensino fundamental da escola municipal da comunidade, nasceu em São Pedro do Uruá. Marcos ressaltou que a internet trouxe novas oportunidades educacionais para a comunidade, embora tenha diminuído o interesse dos alunos pela leitura de livros físicos.
Entrevista realizada no dia 05 de setembro de 2023	Pedro Batista. Morador de São Pedro do Uruá, 64 anos, criador da rádio comunitária "Miriti", que funcionou até 2016. Para ele, o rádio sempre foi o principal meio de informação e que, apesar da chegada da internet, continua a utilizá-lo diariamente enquanto trabalha.
Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023	Mathias Coricos. Morador de São Pedro do Uruá, 74 anos, caseiro e pescador, nasceu em São Pedro do Uruá. Afirma que o rádio foi essencial para compreender eventos globais, como a pandemia de COVID-19, já que não se interessou em aprender a usar a internet.

Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023	Marina Batista. Moradora de São Pedro do Uruá, 75 anos, ela destacou o uso de plantas medicinais, como o óleo de copaíba e andiroba, como parte da tradição local. Também comentou a importância do rádio para obter informações sobre saúde e clima. Em 2023, ela ganhou seu primeiro celular para falar com as filhas que vivem em Manaus.
Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023	Rosemary Gomes Batista. Residente da comunidade, 34 anos, nasceu em Nazaré do Uruá, comunidade próxima de São Pedro. Ela é conhecida como "puxadeira" e também é agricultora, prática herdada dos antepassados indígenas. Realiza curas naturais e rituais espirituais utilizando plantas e conhecimentos tradicionais.
Entrevista realizada no dia 04 de setembro de 2023	Matheus Chaves Batista. Morador que já viveu em Manaus para estudar agronomia. Nasceu em Manicoré, 31 anos. Foi responsável por ensinar aos moradores, jovens e adultos, como usar a internet e smartphones, auxiliando no processo de letramento digital da comunidade. O irmão dele quem custeou para implementação da internet.
Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2023	Araim José Batista Barbosa. Presidente da comunidade de São Pedro do Uruá, 52 anos, destaca as dificuldades no acesso à saúde e o impacto da falta de uma ambulância, reforçando que a internet tem ajudado a comunicar emergências e reivindicar direitos que eles possuem. Araim é o responsável pelo andamento da comunidade, administra e além disso, trabalhar como agricultor.
Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2023	Nonato Barbosa. Comerciante da comunidade, nasceu em Manicoré, na época da entrevista tinha 46 anos, Nonato enfrentou problemas com a oscilação de energia e precisou comprar um gerador para conservar alimentos em seu mercado. E ele relata que, mesmo com o Programa Luz para Todos, a energia ainda é instável. Atualmente, ele possui a internet Starlink na sua casa.
Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2023	Fatima Chaves. Moradora de São Pedro do Uruá, 65 anos, aposentada e agricultora. Antes da chegada da internet, a comunicação com familiares e amigos distantes era lenta e incerta, dependendo de recados enviados por barqueiros ou

	<p>radioamadores. Com a internet, passou a utilizar chamadas de vídeo e aplicativos de mensagens para manter contato com os filhos que moram longe. Fátima destacou que a internet facilitou o acesso a informações e notícias, tornando a comunicação mais ágil e acessível.</p>
Entrevista realizada no dia 03 de setembro de 2023	<p>Valdira. Moradora de São Pedro do Uruá, aposentada por invalidez, 46 anos, filha de Marina Batista. Valdira relatou que o rádio foi essencial para sua educação, já que não foi alfabetizada. Segundo ela, o rádio era sua principal fonte de conhecimento sobre o mundo, permitindo-lhe acompanhar notícias, aprender sobre saúde e até mesmo se entreter. Seu relato evidencia a importância do rádio como ferramenta educacional e informativa para os moradores mais velhos da comunidade.</p>